

Diário de Lisboa

Número avulso: 80 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa 57, 2.

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 40

TELEFONES / Direcção: T. 123

Redacção: T. 123 e 124

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«O "ANGOLA", este confortavel vapor português..." Assim começa Cristien de Caters, o brilhante jornalista francês, as suas crónicas admiráveis, no importante vespertino de Paris, *L'Intransigeant*, sobre as nossas colonias de Angola e Moçambique, onde acaba de passar uns meses.

Vêmos com prazer que a nossa pobre marinha mercante consegue agradar a um jornalista estrangeiro que deve ter visto muito bons e confortáveis paquetes. Mas os navios modestos, como os hotéis, têm sempre o condão de impressionar bem os viajantes, quando a falta de grandiosidade é preenchida pelo trato, pelo asseio, e pelos cuidados que lhes são dispensados.

Ponhamos para o Brasil vapores modestos, que não lhes ha de faltar clientela, pois a afabilidade tão peculiar dos portugueses pode suprir com vantagem a falta de luxo.

* * *

PARA o proximo domingo projectam-se algumas diversões, do mais alto interesse, no recinto onde se está realizando a Feira de Amostras da Industria Nacional.

Uma dessas diversões constitui, entre nós, uma curiosa inovação, que o publico, decerto, muito vai apreciar.

A tarde, e enquanto durar o concerto realizado por uma banda militar, será lançado um lindissimo fogo japonês, consistindo em foguetes de fantasia, que deixarão no ar diversas e curiosas figuras.

A noite, terá lugar um cortejo luminoso á japonesa, com trezentas figuras iluminadas, figurando dragões, peixes, flores, etc.

* * *

INFORMAM-NOS de que a Campanha do Trigo vai encontrando, da parte dos lavradores, um interesse crescente. Preparam-se largas sementeiras e mais cuidadas.

O Governo oferece 33 premios em dinheiro, entre os quais o maior é de 30, outro de 20 e ainda um de 10 contos. Os restantes são de 5 e 3 contos. Mas o verdadeiro premio será aumentar a produção por hectare e o peso específico do trigo. Se isto se conseguir, que grande vitoria!

* * *

TENDO procurado informações junto das entidades competentes, foi-nos declarado que o cais de Alcantara, longe de se encontrar num estado de lamentavel imundicie, se encontra perfeitamente limpo.

A Administração do Porto de Lisboa tem-se occupado com o maior cuidado deste assunto, despendendo com a limpeza do cais verbas importantes do seu orçamento.

* * *

COM o sr. dr. Monteiro de Barros, director geral do ensino secundario e artistico, conferenciaram sobre assuntos que se prendem com a Sociedade de Autores e Compositores Teatrais os srs. dr. Coutinho de Oliveira e Pedro Bandeira.

BRIAND

Um jornal inglês, que se publica em Paris, fez-se ha dias eco do seguinte boato — o estado de saúde do sr. Briand começa a tornar-se inquietante. O presidente de doze ministerios respondeu simplesmente:

— Sinto-me bem, até mais solido do que nunca.

A saúde dos governos nem sempre corresponde á do seu chefe: este pode passar excelentemente, enquanto aqueles declinam para o crepusculo. O que ontem se passou na Camara dos Deputados demonstra com a maior eloquencia que em politica é necessario dar ás palavras um significado tambem politico. O velho e astucioso Machiavel, quando lhe perguntavam se passava bem, se estava mais rijo que na vespera, respondia logo:

— As doenças só têm importancia no dia em que se morre.

Queria ele dizer que o facto de um individuo ter um padecimento pode até servir para o educar e fortalecer, contanto que não morra.

O sr. Briand, pessoalmente prospero e optimista, politicamente vivia na duvida e no receio de uma queda estrondosa. Meditava, gisava planos, buscava apoios, contava sufragios e dedicações, mas não arredava da sua frente, do horizonte dos seus pensamentos, uma nuvem negra, uma ameaça.

Ontem foi o seu dia — o dia temido por Machiavel: atacado de quasi todos os lados da Camara — cada qual buscando uma razão grave para o abater e um pretexto futil para se desembaraçar de compromissos — caiu com a aprovação da moção Montigny.

A Camara retirou-lhe a sua confiança, por alguns votos de maioria. A politica externa, em cujas ondas encapeladas ele sabe nadar como poucos, suscitou-lhe uma procela a que não resistiu.

O piloto, cheio de saber e de experiencia, ao ver que se aproximava a fatalidade, pediu aos seus adversarios que se explicassem claramente, a fim de decifrar enigmas e desfazer equívocos.

A Camara ainda hesitou, pesando as responsabilidades dum voto de desfavor, quando a questão das reparações exige prudencia e calma.

O sr. Blum, porém, aproveitou o instante em que as vontades flutuam, á espera duma direcção que as oriente, bradando:

— Não é necessario que se considere como um entrave (o voto da Camara) aos compromissos assumidos na Haia.

As ultimas resistencias desapareceram e o ministerio Briand volatilizou-se. O homem que algem já classificou de rocha envolvida em algodão em rama inclinou-se submisso.

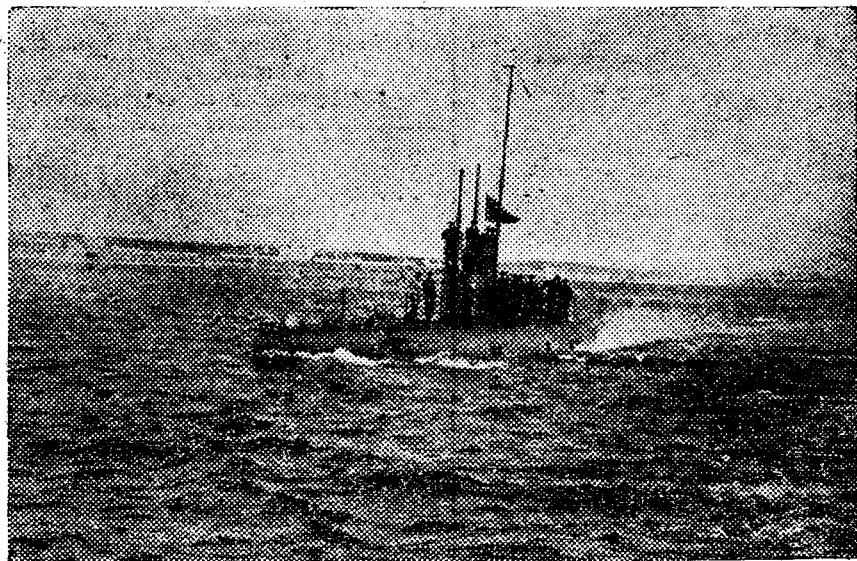
Até quando?

O plano Young, como os icebergs, anda sobre as aguas.

Fará ainda novas victimas?

O sr. Briand, que ainda ha pouco lançou em Genebra a semente dos Estados Unidos da Europa, embora o acusem de sceptico e cauteloso, é sempre uma certeza, no meio das incertezas — numa politica em que abundam os atalhos e as estradas largas estão em projecto.

Exercicios navais



Os nossos submersiveis, terminados os exercicios de conjunto, iniciaram provas isoladas. A gravura que reproduzimos, mostra-nos o "Golfinho" saindo a barra, a fim de realizar na baía de Cascais, provas de imersão

O SR. dr. Artur de Neiva, director do Instituto Biologico de S. Paulo, está publicando uma série de trabalhos que muito honram aquela admiravel instituição brasileira e tambem o seu espirito culto e observador.

O primeiro volume dos "Arquivos do Instituto", que acaba de sair á luz da publicidade, é um magnifico repositório de estudos sobre a flora e sobre a fauna do Brasil, devidos a sabios e professores de S. Paulo, como Lauro Travassos, Cesar Pinto, Navarro de Andrade, Gilberto Rahm, Abilio Martins de Castro, etc.

Foi devido á acertada intervenção do sr. dr. Artur de Neiva que o Brasil se libertou da "praga" do café, que ameaçava destruir todas as plantações do Estado de S. Paulo, e vemos agora que o ilustre homem de sciencia se consagra de novo a trabalhos que muito hão de concorrer para o desenvolvimento dessa enorme riqueza que é a flora brasileira.

* * *

A FILHA do ministro da Bolivia em Paris deu pela falta dum riquissimo colar de perolas, que estava avaliado em cerca de 600.000 francos.

Nunca se separava da famosa joia. Nem mesmo quando dormia. Os seus cuidados, porém, não valeram de nada. Os gatunos têm artes que as pessoas de boa fé desconhecem. E é por isso mesmo que ha-de haver sempre roubos.

Enquanto a filha do diplomata tomava banho, o colar desapareceu do esconderijo onde o tinha deixado. Desapareceu tambem o criado de quarto.

Quere dizer que quem tem joias desse valor deve fecha-las a sete chaves num cofre forte. E tomar cuidado em que uma das chaves não caia na mão dum gatuno.

* * *

FRANCISCO Valença fez, no *Sempre Fixe* de hoje, uma pagina que é uma magnifica charge á noticia da vinda do Rei de Inglaterra para o Estoril.

Stuart Carvalhais, Amarelhe, Botelho e Ilberino dos Santos, comentam com os seus lapis inspirados todos os acontecimentos da semana, glosados tambem na espirituosissima colaboração literaria.

Emfim: o *Fixe*, de numero para numero, aumenta o seu credito de jornal humoristico, o seu espirito... e a sua tiragem.

* * *

PARECE que ha a intenção de suprimir ou transferir a estação de correios e telegrafos das Picóas, criada para servir rapidamente a população daquela area e descongestionar a estação central do Terreiro do Paço. Como o bom senso não desapareceu ainda de Portugal, esperamos que a simpatica e utilissima estação, que tão bons serviços está prestando, encontre nas estancias oficiais um protector que a defenda do intempestivo ataque que, contra ela, injustamente se premedita.

* * *

E' NA proxima sexta-feira, pelas 11 horas, que se realiza o acto oficial da posse do novo sub-director da Casa Pia, sr. professor Silvestre da Silva.

A Viação

O Código da Estrada

Do ultimo numero do «Boletim Oficial» do Automovel Club de Portugal transcrevemos o seguinte:

«Só ao fim dum certo tempo de andamento e uso se descobrem os defeitos dum automovel novo modelo. Pois tal qual como a mecanica automobilista, depois dum ano de applicação do Código da Estrada se reconheceu a necessidade de fazer a sua inteira revisão, e de introduzir-lhe varias alterações.

— As três circunscrições do País ficam, pelo novo Código, divididas territorialmente, tal qual como as zonas de influencia das Secções Regionais do A. C. P., a que se refere o art. 3.º, alinea 2, dos estatutos do nosso Club.

— Nas Comissões Técnicas desaparece o delegado da Associação dos Condutores, ficando substituído por um ou mais técnicos contratados conforme as exigencias de serviço.

— Nenhum membro das Comissões Técnicas pode estar interessado directamente ou indirectamente no commercio de automoveis.

— Acaba, nas Comissões Técnicas, o regime de percentagens, ficando todo o pessoal com vencimentos fixos arbitrados pelo Conselho Superior de Viação.

— De futuro, os membros das Comissões Técnicas terão que dar uma assistência efectiva aos trabalhos das mesmas Comissões, devendo deslocar-se uma vez por mês, pelo menos, às sedes dos distritos, para despachar os serviços que lá houver.

— Foi modificado o art. 3.º que se refere á largura maxima dos vehiculos. Esta passa a ser de 2,25 metros. Não tem porém efeito retroactivo, podendo portanto continuar em circulação os vehiculos á data existentes com 2,5 metros. O novo artigo fixa tambem o comprimento maximo dos vehiculos em 8 metros, e a altura em 3,10 metros.

— Pelo novo Código da Estrada é expressamente prohibido estacionar nas curvas.

— Acaba tambem o escape livre em todo o país.

— E' como segue o texto do novo paragrafo 4.º do art. 19.º — «As corridas de velocidade de automoveis só poderão realizar-se mediante licença especial do Governador Civil do Distrito em que hajam de efectuar-se; ouvido previamente o Conselho Superior de viação, nos termos do Regulamento devidamente aprovado pelo Automovel Club de Portugal, e desde que a Junta Autonoma de Estradas não as julgue inconvenientes para a conservação das estradas.

— De futuro, não poderão ser exigidos pelas policias nem pelas camaras, quaisquer registos de cartas.

— As cartas de condutores, passadas nas Colonias, serão válidas por um ano na Metropole, mas com um prévio exame de condução.

— A toda a pessoa encontrada a guiar sem carta será applicada multa de 1 a 5 contos, sendo a viatura apreendida e vendida em hasta publica se a multa não for paga no prazo de 15 dias. Se o carro for assim conduzido com desconhecimento do seu proprietario, a multa será substituída por prisão de 1 a 6 meses.

— Para finalizar direi que se encontra em estudo a regulamentação definitiva dos serviços de camionagem. E está totalmente aprovado o Regulamento para a fiscalização especial do transito nas estradas e pelo qual se cria um corpo especial de policia de transito, com tantas brigadas quanto as necessarias. Mas isto será assunto para um artigo do proximo numero».

Julio das Farturas

PARQUE MAYER
HOJE E AMANHÃ

Príncipe Zilah

8 partes
Festa Marítima no Estoril
1 parte

Todas as noites concerto por uma gronola electrica.
Entrada livre neste pavilhão.

A. RAVARA
retomou a sua clinica

R. IVENS, 57

CRONICA

A PALAVRA
“Assassinos”

Durante a guerra que a Espanha sustentou por muitos anos, procurando dominar as Provincias Unidas, havia um corpo de cavaleiros belgas que constituia a guarda de honra do Duque de Alba e que, em dado momento, passou com armas e bagagens para o campo dos holandeses. O Duque, profundamente irritado contra a deserção, deu logo ordens para que enforcassem qualquer desses militares que caísse em poder dos espanhoes. Logo que os informaram de tal resolução, todos aqueles cavaleiros dependuraram ao pescoço uma corda tendo numa das extremidades um prego, para facilitarem, assim, a prometida execução. Mas de tal modo se mostraram heroicos e tanto se distinguiram que essa corda passou a ser um simbolo de valentia e não tardou a ser concedida como condecoração a todos os bravos, pelos seus feitos extraordinarios, substituindo a por cordões e o prego por agulhetas. Dos corpos de cavalaria esses cordões, brancos, azuis, vermelhos, verdes ou dourados, tornaram-se extensivos aos exercitos de mar e terra e, por fim, a policia que os usa sem lhes conhecer o verdadeiro significado.

O mesmo succede com a palavra “assassinos”, cuja razão de ser é ignorada pelos tribunais, pela policia e pela maioria do publico. Vamos dá-la, como demos a de “larapio”, no nosso livro “Do Crime”, a mero titulo de curiosidade. Na Idade-Média nasceram tres sociedades que se tornaram celebres: a dos Ismaelitas do Oriente, a Ordem Militar dos Templarios e os Tribunais Secretos da Westfália, na Alemanha.

Os “Ismaelitas”, em viude do nome do seu fundador—Hashan Sabah—eram conhecidos, entre os orientais, por “Hashisheen”, que os Cruzados transformaram em “Assassinos”, julgando que tal palavra poderia provir de “Hashish” (talvez a origem da actual “chicha” boliviana), bebida extraída duma certa especie de canhamo que embriagava e da qual abusavam, antes das suas emprezas, os que resolviam matar. Dizem outros que essa bebida determinava deliciosas visões do paraíso prometido pelo Sheikh-al-Zebal, ou “Chefe da Montanha”, e por isso a usavam tanto. Hashan-Sabah, que se havia celebrado e que conquistara milhares de sectarios, expuzera ideias tão exaltadas que os proprios mahometanos as diriam hereticas, e, em 1090, por heroidade ou por astucia, tomou Alamoot (“ninho de abutres”) a mais segura das cinquenta maiores fortalezas do distrito de Rosdhar, limite entre o Irak, da Persia, e as provincias mais ao norte de Dilem e de Taberistan. Reinou trinta e quatro anos, sem sair do castelo, e, a um simples gesto seu, centenas de punhais corriam montes e vales em busca dos peitos que haviam de ferir, até que Alamoot foi tomada pelos Mogoes, chefiados por Hoolagoo.

A celebre “Ku-Klux-Klan”, poderosa organização politico-religiosa norte-americana que deu motivo a Arpad Varosz para o seu “shimmy-fox”, que todos ouvimos em discos, foi uma especie do que Hashan Sabah pensou e realizou. Seguiu-lhe tambem os exemplos a celebre “Academia de Assassinos”, que a policia de Pittsburgh descobriu nas caves dum restaurante do italiano Antonio Nicolo, onde havia cursos para matar alguém sem o mais insignificante ruido. Ensinava-se lá a vibrar, com a mão direita, uma punhalada certa pela costas, embecendo a lamina entre as espaldas e o esterno, ou mesmo com a mão esquerda, passando-a por debaixo do braço esquerdo da vitima, num movimento rapido e homicida. Não entravam nessa “Academia”, os “ratos de hotel”, designação inventada pelo escritor Jean Lorrain, nem os “nobres”, (gatunos que não matam nem ferem), mas eram vitoriosos os “dromedarios”, porque não respeitavam a vida alheia. Fora de tais organismos, em que matar obedecia a uma arte propositada e perversa, havia tambem homicidas ocasionais por circunstancias justificaveis ou enfermidades a estudar. A Casa de Detenção do Rio de Janeiro, prevendo casos identicos, resolveu ha pouco internar, sem excepção, no Manicómio Judiciario, todos os presos por homicidio, a fim de que, feito previamente um exame de sanidade e concluída a necessaria observação psiquica, se evite qualquer afirmação de doença mental possivelmente alegada pela defeza. E, nos tribunais brasileiros, não serão, assim, retardados o andamento do processo e o respectivo julgamento. Para os malfetores conscientes e propositados é que não existiria meio algum de estudo e classificação, se eles não se encarregassem de denunciar os crimes cometidos, através de contradições flagrantes e de pequeninos nadas irreflectidos e acusadores. Razão tinha, portanto, o grande Fouché quando dizia que: — “se os patifes não fossem tolos, a justiça estaria perdida”.

Mario Monteiro

(advogado)

HOJE a distinta bailarina espanhola Nieves Mimosa
Salão Jansen El Caballero Audaz
Extraordinario ilusionista

Os Dentifricios de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



Conservam-lhe:
Uma maravilhosa dentadura.
A beleza do sorriso.
A brancura dos dentes.
O alito perfumado.

Eles lhe darão tudo isto.
Não queira outros.

A venda em todas as boas Casas
AMSTERDAM, STETTEN e C. LITA 118, RUA DA MADALEIRA LISBOA

LELLO PORTELA
JOSÉ DE FIGUEIREDO
ADVOGADOS

Tratam de todos os assuntos forenses em qualquer instancia ou tribunal.
Rua Nova da Trindade, n.º 9, 2.º
Telef. 995 T.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.ªs:
Condessa de Bomfim, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria da Nazaré de Almeida Daun e Lorena, D. Maria de Lourdes Roquete Viana, D. Estela de Liz Teixeira de Mendonça, D. Maria Teresa de Siqueira (S. Martinho) e D. Maria Lino Semeão Rodrigues.

E os srs.

Conde de Mafra (D. Francisco), dr. Antonio da Silva Brito (Ermda), Sebastião de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), João de Freitas Branco Sasseti, Policarpo dos Anjos, Gil Lopes de Almeida e Antonio da Silva Lopes.

Casamentos

Com muita intimidade realizou-se na paróquia Igreja do Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Palmira Moraes Coluna, gentil filha da sr.ª D. Julia Moraes Coluna e do sr. José Maria Esteves Coluna, com o sr. Francisco Gonçalves, filho da sr.ª D. Amarina da Silva Gonçalves e do sr. Francisco Gonçalves, já falecido, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Alda Barroso, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Virgílio Barroso.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos pais da noiva um finissimo lanche da “Garrett”, seguindo depois os noivos para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na “corbelle” via-se grande numero de artisticas prendas.

Pontos de reunião

No São Luis Cine

Marcou mais uma vez pela elegancia a estrela de ontem do novo programa neste aristocratico «cine», vindo-se linda sala de espectaculos completamente cheia, de um publico selecto.

Concertos elegantes

No Tivoli

Continua sendo muito concorrida a assinatura para os concertos sinfonicos da Orquestra Portuguesa, sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco, que no proximo mês de Novembro se realizarão nas tardes de sabados no Tivoli, onde o ano passado obtiveram um exito colossal, tanto artistico, como mundano, sendo de esperar que este ano seja ainda maior.

Em Cascais

No Sporting Club

Iniciou-se ontem nos magnificos «courts» do Sporting Club, em Cascais, com grande concorrência o Campeonato Internacional de Tennis, em que tomam parte os nossos melhores «raquetes», em competencia com alguns jogadores ingleses.

As provas em «singles», «mens-doubles» e «mix-doubles» prolongar-se-hão até domingo realizando-se na noite desse dia a distribuição dos premios, seguida de baile no salão de festas da “Parada”.

Estamos certos que os jardins do Sporting Club, em Cascais, serão até domingo um elegante ponto de reunião.

Na Costa do Sol

No Tamariz

Amanhã na explanada “Tamariz” disputar-se-ha entre crianças de 10 a 12 anos, pela ultima vez a “Echarpe-Tamariz” e o “Brassard-Tamariz”, sendo de esperar enorme concorrência.

No Casino Internacional

Hoje, á noite, exhibir-se-ha no «ecran» do salão de festas do Casino Internacional do Monte Estoril a engraçada pellicula da “Metro” intitulada “Chuva de Filhos”.

Amanhã, no salão do “restaurant”, o costumado “jantar á americana” das quintas-feiras, para o qual estão já tomadas grande numero de mesas pelas principais familias da nossa sociedade elegante.

Sexta-feira espectáculo de gala, no salão de festas no qual toma parte a brilhante cantora sr.ª D. Beatriz Baptista, que se fará ouvir em um escolhido repertorio de canções classicas, modernas e portuguezas, sendo acompanhada pelo maestro Luis Gomes.

Em viagem

Da sua casa de Paredes regressaram á de Bemfica, com seus filhos, os srs. Condes de Bomfim.

—Do Porto partiu para Paris o sr. Conde de Pombeiro.

—Regressou de Vila do Conde, com seus filhos, a sr.ª D. Maria Luisa de Almeida Brandão Abecassis, esposa do sr. Frederico Abecassis, que se encontra actualmente em Paris.

—Para Cáceres, partiu com sua filha e neta, o sr. D. Juan Pelayo.

—Regressou de Contraxeville a sr.ª D. Adelaide Ogneia Caldeira.

Doentes

Na Casa de Saude de Bemfica, foi sujeita a uma melindrosa operação, que decorreu com muito exito, a sr.ª D. Petra Ruano, sendo operador o habil cirurgião sr. dr. Meleiro e Sousa. O estado da enferma é felizmente muito satisfatorio.

—Foram operados na Casa de Saude Estrela-Militar, com a maior felicidade, pelo distinto cirurgião militar sr. dr. Bastos Gonçalves, as sr.ªs D. Maria Luisa Costa Pereira, D. Olimpia Simões Diniz, D. Adosinda Paula Borges e o menino Julio Prazeres, cujo estado de saude é muito satisfatorio.

—Na mesma Casa de Saude, entrou em franca convalescença o coronel sr. Sebastião Pires Leitão, que ali foi operado com a maior proficiencia pelo illustre cirurgião militar director dessa Casa de Saude, sr. dr. Vasconcelos Dias.

Governante cu dama de companhia

Senhora com as melhores abonações.
Diz-se na rua da Rosa, 57, 2.º.

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

ESTORIL
Hotel do Parque

RESTAURANT DA CERVEJARIA PORTUGALIA

13, Rua Nova da Trindade, 15 (ao Chiado)

Telefone T. 448

Esmerados almoços e jantares da mesa redonda e serviço á carta. — Cozinha á portugueza
Tambem fornecem para fora

DR. LELLO PORTELLA

Clinica medica — Pele e sífilis

Consultorio: Praça Luiz de Camões, 6

Telefones: N. 40 e T. 18

Retomou a clinica

Ceramica de Construcção

TELHAS

(de todos os tipos)

MANILHAS DE GRÉS

TIJOLOS

(de todos os formatos)

PRODUCTOS REFRACTARIOS

AZULEJOS

(brancos, pintados e artisticos)

LADRILHOS DE CIMENTO

PRODUCTOS DE OLARIA

LOUÇA SANITARIA

MOSAICOS DE GR S CERAMICO

DAS FABRICAS DA

Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania

Antiga Fabrica Bessiére

Rua do Arco do Cego, 88, (Campo Pequeno)

Telefones: 547-N. e 2626-N. — Telegramas: EREXSEB

A SOCIEDADE LUSO-JAPONESA

Notas sobre a iconografia

dos portugueses no Japão

nos séculos XVI e XVII

por José da Costa Carneiro

Editado pela Sociedade Luso-Japonesa, que tem a sua sede na capital do Japão, saiu á publicidade o seu primeiro boletim, correspondente a Junho, e que é um livro (e não um folheto) de alto interesse, nas suas centenas de páginas, com rico aspecto gráfico e magnífica colaboração.

Inclui uma parte portuguesa e outra japonesa. Na primeira, a abrir, «Notas sobre a iconografia dos portugueses no Japão nos séculos XVI e XVII», artigo assinado pelo ilustre ministro de Portugal no Japão e alto espirito, que é o sr. José da Costa Carneiro. Desse artigo apresentamos ao leitor um trecho solto, que merece leitura.

Os outros artigos são: um do dr. Voretzsch, documento acerca da primeira embaixada portuguesa á China; e subsidios sobre o commercio dos portugueses no Oriente, relações politicas e mercantis, notas diplomaticas, elementos importantes de historia, etc., etc.

Gravuras e pranchas curiosissimas dão ao livro um alto merito e o colocam bem em todas as estantes.



COSTA CARNEIRO

Em 1582 havia partido para a Europa a primeira embaixada japonesa. Os quatro jovens japoneses, que a compunham, representavam três daimiões convertidos ao catolicismo: D. Francisco, «rei» do Bungo; D. Protásio, «rei» de Arima e D. Bartolomeu, «rei» de Omura, —segundo os nomes e os títulos com que então eram conhecidos entre os portugueses. Esta embaixada fôra a Roma prestar obediência ao Papa, em nome daqueles três daimiões. A viagem durara mais de oito anos. Em 1590 regressaram os quatro embaixadores ao Japão, acompanhados pelo padre Alexandre Valignano, visitador dos jesuitas. Mas Valignano era agora, por sua vez, embaixador. De Goa se embarcava, portador de cartas do vice-rei da Índia, D. Duarte de Menezes, para Hideioxi. As razões da embaixada, a situação politica que determinara D. Duarte de Menezes a envia-la ao Japão e a situação politica que ela aqui encontrou ao desembarcar, — são por demais conhecidas para que seja necessario relembrá-las. Outros aspectos desse acontecimento, — menos ponderosos mas mais ligados ao assunto destas notas — nos interessam particularmente.

Convinha ao visitador dos jesuitas dar á sua embaixada o maior aparato e solenidade. E a circunstancia de desembarcar no Japão, acompanhado pelos quatro embaixadores japoneses, consideravelmente auxiliava os seus planos. A curiosidade era grande, entre os cristãos e os nobres japoneses, em ouvir a narrativa da longa viagem dos seus compatriotas que do Japão tinham partido quasi crianças e voltavam já homens feitos e experimentados. Logo ao desembarcarem em Nagasaki, varios daimiões cristãos, seguidos por numerosas comitivas, se apressaram a dar-lhes as boas vindas. O que ouviram da boca dos embaixadores, — todas as maravilhas, quasi inacreditaveis, dos países tão distantes e tão belos que eles haviam visitado, — causou uma enorme sensação. A época em que a embaixada de Valignano devia ser recebida, condizia com a visita anual que os daimiões costumavam fazer a Hideioxi. No seu caminho para Miaco, todos acorriam a ver os quatro embaixadores japoneses, anciosos de ouvir, por sua vez, as estranhas e esplendidas novidades dessa Europa desconhecida. Estes embaixadores, durante os oito anos da sua ausencia, haviam visitado Macau, Goa e Moçambique. Por duas vezes haviam estado em Lisboa, hospedados na casa professa dos jesuitas, em S. Roque; e haviam sido recebidos pelo governador, o cardinal D. Alberto de Austria. O arcebispo D. Teotónio de Bragança havia-os acolhido carinhosamente em

Evora; e em Vila Viçosa, nos seus antigos paços, o duque de Bragança hospedara-os e convidara-os para varias festas. De Portugal ainda conheciam Coimbra, a Batalha, Alcobaca e a Nazaré. Haviã atravessado duas vezes a Espanha, onde Filipe II os recebera. Haviã percorrido a Italia e, em Roma, as pompas com que foram acolhidos e as distinções que a Santa Sé lhes dispensara haviam ultrapassado tudo o que de maravilhoso se lhes tinha já deparado na viagem. Quando agora, de regresso á sua longínqua patria, indicavam sobre uma carta o longo caminho que haviam percorrido; quando mostravam os objectos estranhos que da Europa haviam trazido, — mapas, esferas, relógios, instrumentos de matemática, livros, estampas e iluminuras, — em seu redor a curiosidade crescia. Sabia-se também que a embaixada de Valignano seria revestida dum luxo e dum esplendor nesse tempo raras vezes usado no Japão. De Nagasaki, partira o embaixador jesuita acompanhado por vinte e seis portugueses; já a sua entrada em Miaco, na véspera da recepção, — com todas as ruas apinhadas de povo, — tinha constituido um espectáculo impressionante. A vaidade de Hideioxi ficara satisfeita com as noticias que deste facto lhe haviam comunicado. As ordens que deu para o aposentamento de Valignano e do seu séquito; as suas instruções referentes ao cortejo com que a embaixada devia ser acompanhada ao seu palacio, bem mostram a satisfação que todo aquele aparato lhe causava. Mandou dipôr três palanquins em que Valignano e dois jesuitas portugueses que o acompanhavam fossem conduzidos á solene recepção que lhes concedera. Para a comitiva dos portugueses, mandou aprontar vinte e seis cavalos, arreados á japonesa.

A embaixada foi solenemente

recebida no primeiro domingo da quaresma de 1591. A frente do desfile era conduzido um cavalo árabe, coberto de veludo vermelho, com o arreio guarnecido de placas de prata e os estribos dourados. Era um presente do vice-rei da Índia. Ia levado á mão por dois palafreiros, que envergavam longas vestes de seda, a cabeça coberta de turbantes á mourisca. E, de cada lado, cavalgava um português. Sete pagens com seus ricos fatos de gala, precediam o grupo dos quatro embaixadores. Estes tinham vestido, para aquela solenidade, os trajes europeus de veludo negro, com largas guarnições bordadas a ouro, que o Papa lhes oferecera em Roma. Vinham depois os três jesuitas nas suas liteiras: o embaixador Valignano e os seus dois acólitos, na austera simplicidade das suas roupêtas negras, — que devia contrastar vivamente com o variegado colorido dos trajes da comitiva e com todo o luxo que os rodeava. Sobre os seus cavalos arreados á moda do país, a longa fila dos restantes portugueses, com os seus vestidos de gala, fechava então o cortejo. E' fácil calcular a impressão que este espectáculo, desusadamente luxuoso, produziu entre os japoneses. Tanto mais que o exito alcançado pelos portugueses constituiu, para muitos japoneses, uma completa surpresa e uma forte razão de despeito. A embaixada portuguesa fôra precedida em Miaco por uma embaixada coreana, dias antes recebida por Hideioxi. Os inimigos dos portugueses, — que enalteciam os esplendores dessa missão oriental o prognosticavam um lamentável fiasco para o cortejo dos pobres missionarios jesuitas, — viram os seus augúrios totalmente desmentidos. E' nesta altura que a popularidade das modas portuguesas, — de que Murdoch recolheu as noticias coevas a que já anteriormente me referi, — tomou o seu maior incremento. Murdoch diz

que «desde a chegada da embaixada do Valignano, em 1591, uma verdadeira mania portuguesa se difundira entre os japoneses». Os trajes dos portugueses, os diversos trajes europeus que os embaixadores japoneses haviam trazido de Roma e de Lisboa, começaram a ser copiados e imitados pelos nobres japoneses; as cruces e os relicários começaram a pender mesmo sobre peitos onde se não albergavam sentimentos cristãos. Muitas outras novidades ocidentais se terão então adoptado. Nessa viagem trouxera Valignano ao Japão os primeiros tipos moveis de imprensa. Foi nessa época que appareceram a publico, e circularam entre as mãos dos convertidos, os primeiros livros saídos da imprensa japonesa. E ainda esse elemento estrangeiro e até então quasi desconhecido no Japão, — o alfabeto latino, — teve uma curiosa repercussão na ornamentação de objectos de uso japonês. Conheço algumas peças, — especialmente guardas de sabres e bolsas para tabaco, — em que a decoração é constituida unicamente pelas letras do alfabeto europeu. Essas letras não formam palavras, não se agrupam em sílabas, nem têm sentido algum legível; são escolhidas pela sua forma mais ou menos estranha e agrupadas segundo o gosto estético do artista. De resto, um dos curiosos pormenores de alguns dos *biombos de nambanes* são os disticos das bandeiras em algumas das suas naus, constituídos por letras alfabeticas dispostas e copiadas pelos artistas japoneses pela mesma forma com que um artista europeu teria pretendido imitar, — para efeitos de pitoresco, — os estranhos caracteres da escrita ideográfica oriental: agrupando-os sem sentido.

Essa «mania portuguesa», — que primeiro se evidenciaria nas modas, nos trajes e seus adornos, — veio também a ter a sua repercussão, como temos visto, na ornamentação de objectos de arte.

PAGINA AMENA

MAGAZINE

Cronica de abertura

Madame Verine escreveu recentemente, nas Nouvelles Littéraires, um artigo que devia ser lido por todas as educadoras do mundo.

«O ser humano, quando não é educado, — escreve a autora de La mère initiatrice — não passa dum animal muito inferior aos outros; todos nós somos a resultante duma educação, dum meio, dum passado milenar».

E acrescenta:

«As mães são as grandes responsáveis dos vícios e das virtudes dos homens».

Ha quem acuse a literatura da desmoralização que lavra entre a mocidade. Madame Verine entende que ela contribui em parte para a decadência dos costumes.

«E' certo que a literatura depravada, inimiga da família, — esclarece a eminente educadora — fez surgir uma prodigiosa floração de anormais que gritam com desespero as suas perversidades, porque jovens mestres decadentes tiveram a audácia de sagrar «Genios!» todos os meninos prodigiosos capazes de traduzir diante do megafone da publicidade o segredo das suas sensações puberes».

A alusão é bem clara ao livro de Jean Desbordes, J'adore, que o sr. Cocteau revelou alvoroçadamente ao mundo das letras francesas.

Mas não é a literatura, prossegue Madame Verine, a grande responsável da desmoralização que lavra entre a juventude. São as mães! São os pais! E', sobretudo, a falência do prestígio maternal!

«Hoje, para ter autoridade, não é preciso ser autoritário, e é necessario sermos tanto mais generosos, mais conciliantes nas pequenas coisas, quanto é certo que devemos ter mão firme e nunca transigir sobre os grandes principios. O tom ditatorial já passou de moda! E' pelo prestígio, pela persuasão e com uma doçura firme que devemos guiar os nossos filhos».

Criar um filho, como diz Madame Verine, não é apenas dar-lhe o alimento, a casa e o vestuário; é elevar-lhe o espirito de modo que do alto dos mais belos cumes ele possa descobrir um dia o magnifico panorama duma vida util e fecunda.

Uma carta de Camilo

O sr. João Jardim de Vilhena deu recentemente á estampa, nas paginas eruditas da Feira da Ladra, uma carta inédita de Camilo, que faz preceder das seguintes palavras:

«Damos publicidade a uma carta que o grande escritor Camilo Castello Branco dirigiu ao falecido conselheiro Julio Marques de Vilhena, quando este, em 1873, publicou o seu notavel trabalho, que mereceu os maiores elogios da critica daquele tempo.—As Raças Historicadas da Peninsula Iberica».

Essa carta até hoje inédita, é muito interessante; e, porque se refere ao falecido escritor Dr. Teófilo Braga em termos asperos, o conselheiro Vilhena nunca a mostrou a ninguém, visto que pelos anos adiante uma forte amizade o uniu a Teófilo Braga e teve sempre por este uma grande consideração.»

Ill.º Ex.º Sr.

Hontem li um excellente livro português, grave, reflexivo, de mão bem assen-

Três monarcas orientais moradores em Lisboa

Gustavo de Matos Sequeira publica na excelente revista mensal Ilustrada, Feira da Ladra, que Cardoso Marta dirige e Gusmão Navarro edita, um artigo muito interessante acerca de três monarcas orientais que no seculo XVII fizeram residencia em Lisboa.

Pedimos licença para transcrever esse valioso documento historico e literario.

No seculo XVII tenho noticia de terem residido em Lisboa três monarcas de países longínquos: o rei de Pegu, o principe de Candi e o rei das Maldivas.

O primeiro — Salvador Ribeiro de Sousa, minhoto aventureiro que repetiu no Pegu contra as tropas do rei de Arakan a façanha de Duarte Pacheco no Passo de Cambalão — depois de ter renunciado á soberania que realmente exerceu, oferecida pelos naturais deslumbrados pela sua bravura de lenda, voltou para Portugal, deixando a Felipe de Brito Nicote a «gloria de mandar» no pequeno reino oriental e a contingencia, que se tornou em realidade, de morrer empalado como justo premio das suas trações e velhacarias. Salvador Ribeiro, desembarcado em Lisboa, não como rei que fôra mas como esquecido conquistador, escolheu o então aristocratico Bairro-Alto para residir.

Em 1630 morava na rua das Parrelas, perto da Igreja da Encarnação, na companhia de dois indios seus escravos, um chamado João de Sousa e outro, Francisco de Campos. Dizem que o rei do Pegu foi morrer á sua aldeia natal em pleno Minho, mas nada existe que o prove.

O principe de Candi — vulgarmente diz-se Candia, que pode levar ao erro de supôr-se soberano da famosa ilha mediterranea — chamava-se D. João e viera para Portugal, abandonando a velha capital de Cellão, onde era o seu principado, no primeiro terço de seiscentos. Quem o trouxe para cá foram os franciscanos missionarios que o cristianizaram e a quem o principe asiatico pagou a divida da fé, construindo-lhes um convento em Telheiras, cujas ruínas ainda lá estão. O soberano de Candi faleceu na sua residencia da rua da Moiraria no primeiro de Abril de 1642, sendo o seu obito registado nos livros de Santa Justa e o seu corpo negro levado a Telheiras, onde se lhe lavrou um tumulo.

O terceiro monarca oriental foi Luis de Sousa da Silva, rei das Maldivas, corôa já então hipotética a que sucedera á princesa herdeira D. Inês de Vasconcelos, sua mãe, casada com um português estreme, Sebastião Tavares de Sousa. Esta D. Inês herdara-a, por morte de seu irmão D. Felipe, de seu pai, o autentico soberano dessas ilhas orientais que viera para Portugal, já cristianizado, em 1551, e de sua mulher D. Francisca de Vasconcelos, fidalga da familia portuense dos Leites Pereiras.

D. Luis de Sousa da Silva, que era neto do soberano tornado á fé catolica, veio para Portugal em 1641, tendo-o D. João IV tratado e recebido como a um verdadeiro principe, distincção a que D. Luis correspondeu indo ocupar um posto de honra no exercito do Alentejo por ocasião das lidadas campanhas da restauração, abandonando a sua tranquila casa em Lisboa, que ficava no bairro do Carmo junto á Igreja do Sacramento.

Tais fôram os três exóticos monarcas que, como particulares, viveram e residiram nesta cidade de Lisboa que, no seculo XVII, ainda era, como disse Fernão Lopes, de desvaídas gentes.

te e grande fôlego: Os trez mundos, de D. Antonio da Costa. Hoje vou continuar esta feliz monção de livros prestadios, lendo este que recebo da delicadeza de V. Ex.ª

Relançando a vista pelo «Índice», vi que profundos e controversos pontos V. Ex.ª esclareceu. Faz-se mister grande e lucida penetração de espirito para destrinçar do cahos intellectual de T. Braga ideias benemeritas de discussão.

Faço votos porque V. Ex.ª em paga das suas lições correctivas, não receba alguma frecha injuriosa das que lhe abarrotam ao vidente do direito o cadoz e o orgulho.

Profundamente agradecido subscrevo-me, com a maior consideração, de

V. Ex.ª

creado e venerador

Porto, 12 de Maio de 73.

CamiloCastello Branco.

Casem-se, meus senhores!

Na Italia, cobra-se um imposto sobre os homens que depois duma certa idade não contraiem matrimonio.

Ora uma das pessoas que a Fazenda colectou em Florença foi o sr. Rafael Giusti, que está justamente casado ha trinta anos e que é pai de dezasete filhos.

Quando os empregados do fisco o visitaram para lhe executar os moveis, o sr. Rafael Giusti limitou-se a apresentar-lhe a certidão de casamento e a fazer desfi-

lar pela sua frente os dezasete rebentos legitimos do seu matrimonio.

Claro que os funcionarios fugiram envergonhados, tanto mais que a visinhança aproveitou a ocasião para manifestar a sua simpatia pelo fisco, dispensando-lhes uma ruidosa manifestação.

Um avião gigante

O novo Dornier Gigante construido pela engenharia alemã pode transportar 100 passageiros e fazer viagens com etapas successivas de 1.000 quilometros cada uma. Trata-se dum hidroavião monoplaço que mede 48 metros de envergadura e 490 metros quadrados de superficie e que é impulsionado por uma série de doze motores, num total de 6.000 cavalos-vapor.

Salas de jantar, salões, cabines, cozinha electrica, posto de radio, instalação de correio com T. S. F.—tudo se encontra dentro da estrutura confortavel e moderna deste novo gigante dos ares.

Numismatica

Dirigida pelo ilustre professor da Universidade do Porto, sr. dr. Damião Peres, iniciou-se a publicação do «Catalogo das Moedas Portuguesas do Museu Municipal do Porto», que possui uma das mais importantes colecções de Portugal.

Dinheiros, mealhas, morabitos, tornezes, barbudas, graves, pilares—são os tipos de moeda da primeira dinastia, que o autor descreve com uma grande competencia numismatica.

A campanha do trigo

Neve é o titulo dum livrinho de versos que o sr. Levy Guerra acaba de publicar, com a declaração de que não deseja criar um nome literario,—não só porque lhe pesaria suportar o acabrunhamento de reconhecer a impossibilidade de realizar uma ambição tão vasta, como por saber que, para obtê-lo, essencial se torna uma luz de predestinação que não scintila no seu cerebro obscuro».

Achamos interessante transcrever estas mimosas redondilhas, que o autor dedica aos lavradores da nossa terra, e que bem podem contribuir para intensificar entre nós a patriótica campanha do trigo:

Terras cultivadas
Só dão refrigerios!
As abandonadas,
Tristes cemiterios!

Cultiv'essa terra
O' bom lavrador,
Se não quer's a guerra,
O luto e a dôr!

Cultiva-a e faz
Que te dê flor,
Se desejas paz
E um suave amor...

O teu pobre arado
Já está ferrugento;
Ao teu doce gado,
Falta-lhe o sustento;

E a terra perdida
Sob os claros céus!...
Trá-los para a Vida,
Dá-lhes luz de Deus!

Não vês a seara
De sede a morrer?
Dá-lhe agua bem clara,
Dá-lhe de beber!

Olha que o teu filho
Quer' pão e não tem!
Vai semear milho
E cuida del' bem!

As tuas filhinhas,
Tão lindas — repara —
Ficam mirradinhas
Se o teu braço pára!

Terras cultivadas
Só dão refrigerios!
As abandonadas,
Tristes cemiterios!

A pedra filosofal

Um serralheiro alemão que se encontra preso por burla na cadeia de Munich, conseguiu fazer diante das autoridades uma experiencia sensacional, com o fim de transformar o chumbo em ouro. Da fusão de 1 grama e 67 de chumbo obteve um decimo de grama de ouro puro.

Quere dizer que um quilo de chumbo equivale aproximadamente a cinco grammas de ouro, o que em boa verdade não resolve o problema, porque ouro é o que oiro vale,

«Cinegrafia»

Está publicado o n.º 12 da excelente revista de propaganda cinematografia, Cinegrafia, que, além duma magnifica ictografia de G. W. Palest, com dedicatória, insere os mais belos clichés e uma curiosa entrevista com Amelia Rey Colaço, em que a ilustre actriz declara que gosta do cinema, mas que não lhe interessa filmar.

Boa propaganda

Chéster Merrill, Ramos & C.º publicaram em inglês um excelente folheto de propaganda dos nossos monumentos e das nossas belezas naturais, profusamente illustrado, o qual constitue um magnifico serviço prestado ao desenvolvimento do turismo em Portugal.

NA CAPITAL DO NORTE

NOTICIA

historico-arqueologica-artística

da Catedral e das igrejas de Cedofeita e S. Francisco

Se a cidade da Virgem é inclitamente memorada nos fastos da nacionalidade lusá por seu nome primitivo, Portus Cale, apadrinhar o novo reino—o que Camões, o Poeta Maximo da Raça, assinalou nos versos fulgentissimos dos "Lusiadas":

Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal....

—e por seu vibrante patriotismo, arraigado e profundo como nenhum mais, sempre alerta e pronto a sacrificios, do qual seus homens bons e sua arraia meuda, em maré de rude provação pela independencia nacional, cobraram a enobrecedora alcunha de "tripeiros", se em terras de além-raios lhe exaltam o nome, por mercê do precioso vinho de Riba Dairo, exportado por sua barra; certo é que, em materia architectonica e artistica, sua moína penuria a inferioriza bastante quanto a outros povoados, pouco a deixa realçar no pais, embora não se distinga ele por intenso caracter monumental, como observaram Racinskiy e Luigi Cibrario. Todavia, sua existencia historica é duma larguissima vetustez, mais que milenaria, pois ascende aos romanos.

A plena mingoa de materiais archeologicos, desde os mais recuados tempos ao alvoro do seculo XI, não pode, porém, sofrer reparos—pois ha-de atentar-se no revolvimento ferino e sanhoso da velha pobra pelas copiosas invasões de barbaros, normandos e mussulmanos, a que a d'Almorsor, em 997, pôs tragico remate com um pleno desbarato.

Depois, já restaurado o inditoso vilar do mórro da Pena Ventosa pelas mesnadas de Muninho Viegas, continuou lhe a vida precaria, mal segura, ainda que menos atribulada, até aos alvores da nacionalidade, por razão das lutas de conquista para o sul.

Logo, não foi tam comprida época propicia á execução de obras architectonicas, e menos das artisticas, apesar do que se levantaram as primeiras muralhas defensivas do burgo, á volta do ano 1067, das quais quasi nada já resta, assim como, nas vespéras do estabelecimento do reino e em pleno românico, se construíram a catedral e a igreja de Cedofeita, unicos exemplares existentes, em architectura religiosa, desse estilo.

Tal azar, esse entrave latente, e porfiado, manteve-se durante a primeira dinastia, por causa das rijas e belicosas discordias dos bispos com os reis e com os homens do burgo, cuja largueza corria até aos dias de D. João I não foi de geito á produção monumental-artística.

Por isso, apenas se construíram nessa ampla temporada, em românico, as muralhas fernandinas, das quais ainda guardamos uns parcos traços, vigiados por quatro torres, afóra uns restos menores, mui esparsos, e os muros, alteradissimos, da Ribeira, assim como a casa primitiva da Camara da Cidade, onde teve tambem assento a Casa dos 24 Mestres, á bôca da rua de S. Sebastião, da qual subsistem as paredes, com duas portas ogivais. No estilo gótico ou ogival construíram-se, pelo menos, as igrejas de S. Francisco, de S. Domingos, erguida pelos meados do seculo XIII e incendiada em 1778, de S. Nicolau, a primitiva e o severo e perfeito claustro da Sé.

Ao depois que se aplanou o caminho progressivo do burgo—extintas as corajosas e árdegas luctas dos vilões com seus senhores pela concordata de 1406, firmada entre D. João I e o bispo D. Gil—e que o trabalho e a iniciativa dos bons burgueses puderam expandir-se lórras d'empachos, nem por isso, em todo o seculo de quatrocentos e metade do seguinte, se empreenderam obras de

lustre para a terra ou de beneficio comum, embora a architectura seja a arte da paz, no bom conceito de Corroyer. E' que o espirito do mazorril incoia portugalense não propendia aousa alguma para contemplações artisticas; todo atreimado nos negócios, que eram a regra da cidade, o diapasão de suas energias, nada mais via, nenhuns mais assuntos lhe valiam cuidados. Empolgava-o a febre do tráfico, que do resto se sobrepunha ferrenhamente.

D'estarte, é óbvio, pôde tornar-se o burgo um relevante empório comercial, á certa o primeiro do pais, o que lhe provocou um activo desenvolvimento demografico, com farto acréscimo de limites, donde procedeu a copiosa e rica medrança de sua antiga navegação.

Meado o seculo de quinhentos, surdem algumas obras importantes fomentadas pela renascença, que por toda a Europa expedita e afreimadamente as impulsava e fazia proliferar. No 3.º quartel ergue-se a igreja de Monchique, que apresentava, pelo moroso da construção, a bizarra aliança do gótico e do classico nas abobadas da nave e da ousia, singularidade esta repetida na capela da Sa de Agosto, edificada, provavelmente, no final do 3.º quartel. Seguem-se depois as igrejas do Colegio dos Jesuitas (1577-7), de S. João Novo (1592-7), e de S. Bento (1598-1680). Mas já o seculo seguinte transcorre marasmadamente, abre uma vasta pausa na tarefa edificadora, como se a gente cançara do esforço empregado. Sómente em meados de setecentos lhe voltam o animo e o fôlego, dos quais redundaram as igrejas dos Clerigos (1732-49) e dos Terceiros do Carmo (1756-68), a torre dos Clerigos (1748-63), a igreja da Misericordia (reconstruída em 1748), a Relação (1765-96), a mais o Paço Episcopal (1772-7) e o Hospital da Misericordia (1770-7).

Entretanto, se a vocação construtiva da cidade era acanhada, de fracos alentos, já o mesmo não acontecia com a bossa infesta e sandia das reformas e dos melhoramentos, porquanto desde o seculo XVI atabafou o Porto um desvalro de classicismos, a vesania das renascenças, que desditamente prearam as antigas edificações, mascarando-as e enxovalhando-as com despropositados enxertos, com restauros descabidos e repulsivos modernismos.

Esta insanía, tal absurdidade, viu-as bem Ramalho Ortigão, que não deixou de as verberar com estas justissimas palavras: Na categoria de delinquente desta especie será difficil disputar o primeiro lugar da série patologica á cidade do Porto.

Por estas razões, pois, guerrilhas, comerciais e reformadoras, é que a cidade invicta não pode jactar-se de possuir belos ou grandiosos monumentos—que são, no dizer lapidar de Alves Mendes, a "geologia do espirito"—embora os tenha notaveis, nem tam pouco preciosas e encantadoras obras de arte, conquanto por sua farta riqueza, magna senectude e solida preponderancia na vida nacional, pudesse fruir, quando não a primazia, aldemenos certa superioridade pelo abundamento d'esses dois bens.

Mas, por mór infortuna, ainda o pouco que continha de bom em architectura, na Sé, em S. Francisco e Cedofeita, estragaram-lho pavorosamente, truculentamente, os furiosos das novidades petulantes, dos embelezamentos destrambelhados, das mascaradas restaurações. Praza a Deus que por aqui fiquemos!

Carlos de Passos

(Do vol. III da colectanea de arte "Monumentos de Portugal")

MOVEIS, ESTOFOS E DECORAÇÕES

Casas de jantar, quartos de cama, escriptorios, salas e mais moveis soltos, oleados, tapetes e outras decorações. Preços excepçoes.

ARMAZENS BARROCA

Telefone T. 1095—Rua Atalaia N.º 31 a 35

PELO DESPORTE

Foot-ball

Em Espanha os dois mais importantes encontros realizados foram aqueles que opuzeram o Espanol, campeão de Espanha, ao Barcelona e o Real de Madrid, finalista da época transacta, ao União.

O Espanol venceu por 1-0, tendo o trabalho de Zamora sido verdadeiramente formidável.

O Real de Madrid bateu por 4-0 o seu adversario.

—No campeonato de Paris vai á cabeça, nitidamente, o C. A., de Paris, que no ultimo domingo ganhou ao Club Français por 1-0.

Automobilismo

Segundo telegrama recebido no Automovel Club de Portugal, os automobilistas que andam tentando bater o «record» da volta ao pais, chegaram ás nove horas á Povoia de Lanhoso. A não haver qualquer contratempo, calcula-se que estarão no Porto entre as 14 e 15 horas.

Procuraremos dar, em «ultimas noticias», a hora de partida do Porto, bem como a da provavel chegada a Lisboa.

Aeronautica

Ainda ha bem poucos dias que os franceses Costes e Bellonte conseguiram apoderar-se do «record» mundial de distancia, percorrendo cerca de 8000 quilometros.

Os aviadores ingleses Williams e Jenkins já concluíram os seus preparativos para realizarem, com o novo avião gigante, os 10000 quilometros que separam a cidade de Londres da cidade do Cabo.

Tennis

Começou hoje, nos «courts» do Sporting Club de Cascais, a disputa dos campeonatos internacionais.

Além das nossas melhores «raquettes», toma tambem parte na competição o esplendido jogador inglés O. G. N. Turnbull.

Box

Huat, campeão da Europa dos pesos moscas e vencedor, ultimamente, de Pladner, que foi campeão do mundo dessa categoria, bateu, na America, Frenchy Belanger por K. O. ao sexto round.

O francês classificou-se assim para disputar a Genaro o titulo mundial de que este é detentor.

Noticias diversas

O francês Borotra ganhou pela segunda vez consecutiva o campeonato de Londres de «Tennis», batendo na final o inglés Sharpe, por 7-5, 6-2, 6-2.

—Recebemos da Associação de «Foot-ball» de Lisboa um convite para assistirmos á IX e seguintes sessões da sua Assembleia Geral. Agradeçemos.

—Segundo comunicação da Federação Portuguesa de Hockey, encontra-se aberta, até 31, a inscrição para o campeonato de Hockey em patins. As inscrições são feitas na rua Capelo, 5, 2.º.

—Realiza-se no domingo proximo a corrida ciclista «Lourinhã-Lisboa-Lourinhã».

Os premios são valiosissimos e a prova é disputada sob o regulamento da U. V. P.

—O Club Desportivo de Pedrouços vai realizar um festival, do qual daremos, brevemente, o programma.

—Estamos estudando, afincadamente, os prognosticos para sabado, para ver se, ao menos, acertamos um.

—Realizou-se em Keiso, (Coréa), no Japão, o encontro Alemanha-Japão, tendo ficado vencedora a Alemanha, por uma grande diferença de pontos.

—Na Secretaria da Lisboa Gimnasio Club está aberta a inscrição para o torneio de «basketball» inter-socios.

—Como todos os anos, Wallis Myers, do «Daily Telegraph», fez a classificação dos melhores dez «tenistas» mundiais. E' a seguinte: Coochet, Lacoste, Borotra (franceses); Tilden, Hunter, Lott, Doeg, Van Ryn, (americanos); Austin (inglês) e Morpurgo (italiano).

A França continua com a supremacia mundial no «Lawn tennis».

Quando poderemos nós ver um nome português nesta classificação anual?

—Quando do Coimbra-Lisboa ciclista, os dois primeiros classificados, devido á aglomeração do publico na meta, chocaram-se, o que originou ferimentos, embora ligeiros, a ambos.

O publico desportista que assiste a estas chegadas deve ajudar o serviço de policiamento, afastando-se, o mais possivel, da linha de chegada, dando assim o exemplo aos «mirones» que, inconscientemente, querem ver aquilo muito de perto.

Leilão de penhores

A COMERCIAL

18, T. da Trindade, 23

AO CHIADO

Telefone C.-3992

Nos primeiros dias do proximo mês de Novembro.

PELOS CINEMAS

Um exemplo a seguir

O sr. Virgilio Leitão, director do Instituto Pasteur de Lisboa, encarregou o fotografo Mario Novais e o pintor Fred Kradolfer da realização de um filme de propaganda do modelar estabelecimento que dirige. Desde já podemos assegurar que o plano elaborado pelos dois jovens artistas é curiosissimo, estando nós certos de que os resultados serão correspondentes.

O sr. Virgilio Leitão pôs á disposição dos dois novos realizadores todo o material de que necessitavam, camara de filmar, aparelhos de iluminação, laboratorios, etc.), dando assim um belo exemplo de iniciativa e confiança, que muito nos rejubilaria ver coroado de exito—e seguido por aqueles que podem e deveriam fazê-lo.

'Troupe Grigoriet'

Graças á amabilissima solicitude de s. ex.ª o sr. embaixador de Portugal em Madrid, a S. G. F. conseguiu remover as dificuldades levantadas pelo Governo espanhol á passagem no seu territorio da «Troupe Grigoriet», que, como noticiámos, vinha a Lisboa para acompanhar o filme russo «A Aldeia do Pecado», que ontem alcançou, no São Luiz, o merecido exito.

Os cinco artistas russos chegaram hoje, no «Sud-Express», acompanhados pelo sr. Dr. João Boto de Carvalho, que foi a Hendaye expressamente, para os acompanhar durante a travessia de Espanha, tal como lhe foi exigido pelas autoridades da nação vizinha.

A «Troupe Grigoriet» figurará no espectáculo de hoje e em todos os seguintes.

Prognosticos

As ultimas noticias de New York confirmam a aliança das firmas Paramount e Warner Brothers e vaticina a proxima e inevitavel fusão das firmas United Artists e R. K. O., esta ultima de recentissima formação. A casa Pathé tambem não deve ser estranha a este ultimo acôrdo.

Depois do consorcio Metro-Goldwin-Mayer-Fox, unicamente a Universal parece poder subsistir independente.

Tudo isto se deve á hegemonia comercial do filme sonoro. Os americanos, partidarios do «trust», da reunião de grandes capitais, rejubilam e apregoam as vantagens desta «obra de consolidação», iniciada ha três annos. Nós preguntamos: se isso não acarretará uma uniformidade artistica desastrosa para a produção americana. Além disso—e isto interessa-nos mais directamente—desconhecemos se tal facto não implica futuras alterações na forma como são distribuidos fora da America os filmes das diferentes marcas americanas.

Estatistica

Vem a proposito transcrever a estatistica dos rendimentos obtidos no estrangeiro pela produção cinematografica americana.

Nos paises em que se fala a lingua inglesa, as películas americanas rendem 50 0/0; nos paises de lingua espanhola, rendem 15,5 0/0; nos de lingua alemã, 9,5 0/0; em Portugal e no Brasil, 6,79 0/0; nos paises de lingua franceza, 6,49 0/0, assim como nos paises escandinavos e no Japão. Os que dão menos rendimento são aqueles em que se fala o holandês: 1,55 0/0.

Atrás da tela

No Max Cine, da rua Barão de Sabrosa, efectua-se hoje a primeira exhibição do super-filme «O drama do Monte Cervino». No programa figuram ainda varias fitas curiosas.

—Da produção da U. F. A. para 1929-30, além dos filmes que têm sido annunciados, ainda se exhibirá nesta época, em Lisboa, o filme «Adieu Mascotte», com Lillian Harvey, que actualmente triunfa no Universum de Berlim.

—Na proxima semana estreiam-se em Lisboa os filmes: «Cagliostro», de Richard Oswald, a 28; «Jujiro», de Teinuské Kinugasa, a 29; «Moulin Rouge», de E. A. Dupont, a 30.

—Chegou a Lisboa a copia do famoso filme anglo-alemão «Noites de Londres», de Hans Schwars e Georg Jacoby, com Mabel Poulton, Jack Trevor e Clifford Mac Laglen.

—Está ligeiramente melhor o sr. Eduardo Oliveira Martins, protagonista de «Maria do Mar».

—A primeira exhibição da cinecronicas anecdoticas «Lisboa» está marcada para a vespera do proximo Natal.

—Al Jolson vai em Novembro a Paris assistir á 1000.ª exhibição do filme sonoro «O Cantor de Jazz».

—Lewis Stone está intentando acção de divorcio contra sua esposa, Florence Bryor Stone, conhecida no teatro por Florence Oakley.

—Ruth Roland, a celeberrima heroína das velhas fitas em séries, voltou á actividade cinematografica, para realizar fitas faladas de aventuras em muitos episodios!

—Estreou-se ontem, no Condes, a comedia «O Jardim do Eden», interpretação de Corinne Griffith e Charles Ray. Na sexta-feira o filme de aventuras de Hoot Gibson «O Terror do Texas».

Pianos "ADOLF LEHMANN"

Bons em som e acabamento.

VANTAJOSOS EM PREÇO

Dep. Ex. Olavo Cruz, Ltd.

L. Trindade Coelho, 6—(Antigo S. Roque)

Chá das cinco

Um novo doutor

O sr. capitão Leal de Oliveira acaba de doutorar-se em Educação Física pela Universidade de Gand.

Antes de mais nada, convém acentuar que se trata duma pessoa que tem dedicado o melhor da sua inteligência e do seu esforço ao problema da educação física em Portugal, o que o torna cem vezes credor da nossa simpatia.

O sr. capitão Leal de Oliveira, porém, doutorou-se, e, como todo o bom doutor, defendeu também a sua tese. O tema escolhido não deixa, no entanto, de nos surpreender um pouco, pelo carácter inédito que estes problemas assumem sempre entre nós — e só por isso, visto que se trata dum assunto muito mais sério do que o leitor, à primeira vista, pode supor. Ora vejamos:

Análise da posição de pé sob o ponto de vista filosófico, psicológico, moral, social, fisiológico, económico, estético e de morfologia funcional; indicação dos principais defeitos que pode apresentar; bases metodológicas do seu ensino e correcção; importância deste ensino na educação do homem.

Para um entendido, a hermenêutica deste tema original não deve oferecer a menor dificuldade. Para um leigo, porém, o caso muda de figura.

Eu compreendo muito bem, por exemplo, que a posição de pé seja mais económica nos teatros e nos cinemas do que a posição sentada, mas já não atino nas vantagens ou nos defeitos da mesma posição sob o ponto de vista filosófico, psicológico e moral.

O nosso comodismo, ainda que essa atitude pese a morfologia funcional, procura em geral a posição sentada. Não será a mais estética, mas é a mais cómoda. E a verdade, a fisiológica verdade, é que há certas coisas que, a despeito de toda a nossa boa vontade, não se podem fazer de pé.

JOSE DO NORTE

O NOSSO CONCURSO

Conforme temos dito, é amanhã o ultimo dia em que se procede à entrega dos premios do nosso Concurso de Advinhas Populares, que ainda não foram retirados.

Aqueles que ficarem em deposito serão vendidos, revertendo o seu produto a favor da beneficência do nosso jornal.

DANÇAS MODERNAS

• Profes. Madrugo e Madame Gentil Madrugo

Leccionam todas as danças em voga, coadjuvados por duas senhoras.

Reabriu as suas aulas particulares

Ver novas condições para esta época.

Rua da Palma, 224, 2.º d.º — TELEFONE N.º 5139

CONDES

CARINNE GRIFFITH e CHARLES RAY em

O Jardim do Eden

TIVOLI

Noite de Misterio

com Adolphe Menjou e Evelyn Brent

O Romance de Tillie

com W. C. FIELDS, Chester Conklin e Luise Fazenda

GARAGE AGUIA D'OURO

Avenida Círculo do Outubro, 125

Telefone N.º 5432

Aberia toda a noite Estação de serviço
Gasolina, óleos e pneus. Completo sortido de acessórios e peças sobreelentes
Secções de: mecânica, casquilheiro, electricidade e pintura

A VIAGEM PRESIDENCIAL

1.000.000

de ramos

de lindas flôres naturais

foi atirado em Barcelona

durante a brilhante Semana de Valencia

BARCELONA, domingo á noite, 20. — Salo do Pueblo espanol, uma das coisas belas desta exposição monumental de Barcelona — como eu aliás previ ha meses numa Página do Diário de Lisboa de que me orgulho — dirijo-me á Avenida Maria Cristina da Exposição mana Valenciana.

E estou em Valencia.

Gloriosa Valencia!

Sacrossanto espectáculo de encantamento e de graça! Delicioso quadro espanhol, florido e alacre!

E ficaria mal com a minha consciência se não escrevesse duas linhas, ainda que pálidas, desta feerie que meus olhos nunca viram — e nunca mais verão.

* * *

A grande Avenida, com seus jorros de agua e edificios de monumental arquitectura — está deslumbrante de gentes, tornando palanques e elevações de terrenos.

Vai principiar a batalha de flôres na qual desfilarão quarenta carros decorados, de fantasia, cujo motivo ornamental são as flôres, e cento e vinte outros carros, também cobertos de flôres, mas sem alegorias nem símbolos.

O Comissario da Semana de Valencia encomendou — dizem os sumptuosos programas — 500.000 ramos de flôres.

E venho a saber pelo Alcalde, e os factos depois confirmaram, que — por terem «llegado los portugueses», esses 500.000 ramos de flôres foram elevados a um milhão.

Dezenas e dezenas de homens conduzem, espalham, fazem abastecimento de milhares de cabeças de flôres.

O general Carmona, os portugueses da comitiva, os officiais de marinha do Vasco da Gama estão fornecidos como para uma guerra.

Chegam constantemente senhoritas, lindas mulheres da melhor gente de Barcelona, que tomam os melhores lugares que os portugueses lhes vão cedendo.

O desfile não tardará cinco minutos. A multidão comprime-se nos passeios, e as asfaltadas alamedas estão despedidas, parece que á espera de um Scipião triunfador.

Tenho visto em quadros da antiga Roma assim palanques, guardados por colunas de marmore onde pousaram aguias douradas, e onde os senadores esperam os jogos. Aqui esperam-se mulheres e flôres. E já estrugem fanfaras e se divisam estandartes.

* * *

Abre o cortejo uma banda típica, originalíssima de valencianos, vestidos de branco. Tocam e riem. Logo seguem-se os pendões de Valencia, com suas armas bordadas a ouro sobre terciopelo grenat (dois estrangeirismos num pé só...). E a gente da Municipalidade, todos com trajos castiços, regionais, deliciosos, que não têm nada de caricatural.

E o primeiro coche — os carros são todos revestidos de flôres autenticas, sem se ver um pedacito de tecido ou de estôfo — conduz cinco encantadoras mulheres. Primeiro golpe. Inicia-se a batalha.

Logo depois mais de cem caballos, cobertos de gualdrapas vistosas, de borlas de seda, heraldica provincial, e cujos ginetes ostentam costumes de hoje, exuberantes de graça.

Clarins de prata, com largas escudeiras de seda e ouro — resoam marchas triunfais, em notas de melodia. E outro carro de lindas mulheres.

O primeiro carro de fantasia (que me trás á imaginação aquelas fantasias dos seculos velhos em Portugal no Terreiro do Paço, Enxobregas e Évora, nos casamentos reais: dragões vomitando fogo...) — reproduz um castelo valenciano, de cujas seteiras mulheres arremessam... balas; rosas, cravos, flôres que não chego a classificar que voam, que batem nos olhos, que já alcatifam o asfalto, e põem nos portugueses o primeiro assomo de fúria.

Estupenda ovação. Que é? A «Rainha de beleza de Espanha». A que foi ao concurso de beleza mundial.

Cavalga, formosíssima, de branco e prata, sobre uma egua domesticada arabe, de gualdrapa de selim negro, guarnecido de altofares. Sorri. Depois, ri. Conduzindo a montada — um pagem, de romance antigo. (Começo a pensar: mas isto será possível?). Ante o Presidente da Republica, pára, e saudá. O Presidente aplaude e uma ovação ressoa.

Mas isto segue. Mais dez, vinte, trinta carros — carregados de flôres, e a batalha vai louca.

Agora uma Pirâmide do Egipto, em cuja frente a misteriosa cabeça saindo de uma montanha de rosas, desafia a surpresa da multidão. Dentro, dez peregrinas belezas.

E depois, um grande «Preto do Jazz-Band», sobre outra montanha de flôres. Homens reforçam as munições de flôres. E ha olés! viva tu madre! olé por tu gracia!, porque as mulheres bonitas não acabam.

Agora um tigre da India, depois um caracol esplendoroso, tudo em fantásticas dimensões, depois um Etiope, negro, de turbante em lhama de ouro, e logo um Cachimbo, de cabeça de camafeu antigo em marfim patinado, e — para alegrar as gentes progressivas — um carro futurista, de milagroso equilibrio.

Tudo isto, passa, grita, canta, estruge, combate com flôres, e as mulheres lindas não acabam.

Os portugueses já perderam a cabeça. Toda a comitiva do nosso Chefe do Estado se convenceu da grandeza disto, da sua beleza, do seu poder de sugestão, alegre e sério, sem ridiculo, nem baixeza, nem trivialidade. Novos e velhos — batalham flôres. Nisto já levamos a palma aos espanhóis.

Mas segue, mas não acaba. Um pagão real, enorme e emproado, que só lhe falta (como o de minha casa) dar-me os bons dias. Agora um delicado — maravilha de bom gosto — leque valenciano em rendas e figuras, parece que de Walteau, e em tais proporções que as figuras são autenticas raparigas de quinze anos, verdadeiros amores, que têm medo de «combater».

— Mas ha em Valencia tanta rapariga bonita? — pergunto ao Alcalde.

— Si. Son más que los naranjos!

Agora um carro romano, cujo auri-ga é a mais linda mulher que meus olhos têm visto, «hermana de la Reina», dizem-me.

E uma lagosta descomunal, cuja «mayonesa» é constituída por mulheres vestidas de branco e amarelo, atirando só flôres de pálida cor e inocen-

Alonso
que foi expressamente a Sevilha, a fim de Portuguesa, durante a sua

te risco na atmosfera impregnada de perfume.

E um pintainho, saído da casca, e em cujo ovo aberto mais mulheres atiram flôres, sempre flôres.

Os cavalos pisam já um grosso tapete de petalas, e as rodas deslizam como sobre veludo.

Nisto tudo, na exuberancia dos tipos, ha os «mantones blancos» de Valencia, e os mais adoraveis e castos sorrisos da terra. Porque tudo isto é inocente, ao cabo.

Agora uma scia, muy siglo XVIII, em azul, que leva atrás de si uma corte de damas — que jogam rosas, e atiram pedradas com os olhos.

A luta é tal que as senhoritas dos carros se defendem com raquettes, sem as quais não chegariam ao fim — e seria necessaria uma ambulancia da Cruz Vermelha, servida por anjos.

A alegoria das Laranjas é indescritivel. Cada pomo é uma peregrina beleza, e a arvore de copada fronte expulsa mocidade, que tem qualquer coisa de Anacreonte.

Um majestoso Pavo Real, de cauda azul e ouro, pela qual se filtram raios de luz, e onde as plumas, feitas de milhares de plumas, cortam os ares como caricia de engenho humano.

E os portugueses lutam ainda, e ainda o Alcalde de Valencia pergunta:

— Sr. Presidente. Quere Vuestra Excelencia um armistício?

— Não, senhor. Que siga a batalha.

E o desfile continua. Faltam dezasseis carros. Ao longe, silhuetas de valencianas, destas que vêm nos leques dos pintores predestinados para immortalizar a beleza anonima e eterna dos povos — destacam-se no fundo gris, que as exuberancias electricas, começa a entontecer.

* * *

Se não fossem estes raros espectaculos de beleza e sonho, que excedem a fantasia, e entram nos dominios do incrível, o mundo, apesar da ostentação e do arrôjo das concepções architectónicas — seria frio e mudo, e grosseiro e trivial, como esta mesa de café



XIII

acompanhar o Presidente da Republica na capital andaluza

re a qual vos estou escrevendo, sob acção dos narunjos de Valencia.

A caminho de Sevilha

SEVILHA, 23 (Pelo telefone) — Logo após a saída de Barcelona, onde a desdida teve um caracter muito coral, o Chefe do Estado começou a ser objecto de manifestações e provas de deferencia que muito o sensibilizaram. Em todas as estações onde o comboio parou, compareceram as autoridades e muito povo, que vitoriou entusiasticamente o Presidente da Republica portuguesa. Ao longo da linha, a extensão de 1.300 quilometros, via, de quilometro em quilometro, a «pareja» da Guarda Civil, que á saagem do comboio apresentava armas, em continencia.

Além do séquito português, o sr. general Carmona era acompanhado por Rafael Serra, ajudante do rei, D. Antonio Tapia, adido militar espanhol em Lisboa e D. Gonçalo Arnau, ministro plenipotenciario e chefe do protocolo.

Durante a viagem

Em Tarragona, compareceram na estação todas as autoridades e muito povo. Apresentaram cumprimentos ao chefe do Estado o governador civil, José de la Saleta; o alcaide, D. Eduardo Valada; o presidente da putação Provincial, D. Herodio Malda e o consul de Portugal.

O sr. general Carmona chegou á ja-la para agradecer as manifestações, e viu-se obrigado a descer a fim de serem apresentadas as autoridades. O sr. Presidente da Republica foi ludado pelo governador civil, no meio grande entusiasmo da multidão.

Em Tortosa a manifestação foi ainda mais quente — e é curioso observar e á medida que o comboio avança ra o sul, aumentam de entusiasmo manifestações. O sr. general Carmona desceu do comboio, sendo rodado por todas as autoridades, o bispo, D. Felix Bilbao e o padre jesuita, rector do Observatorio do Ebro, re-

A VIAGEM PRESIDENCIAL

O CHEFE

do Estado

chegou hoje a Sevilha

tendo atravessado a Espanha

no meio de entusiasticas manifestações

verendo Robé, que lhe apresentaram cordeais saudações.

O bispo declarou ao nosso Presidente que tinha uma grande admiração por Portugal, que através de respeitáveis processos politicos mantem sempre a sua fé religiosa, cujo simbolo glorioso é a Cruz de Cristo.

Na estação de Castellon, produziu-se uma simpatica manifestação em que tomou parte a gente humilde do povo, tendo comparecido tambem o comandante dos «Somatenes». Na historica cidade de Sagunto, a manifestação teve tambem um belo caracter popular, tendo subido á carruagem presidencial, com as vestes tipicas e as blusas negras da região, alguns trabalhadores da terra. Um deles fez um discurso muito simples em nome do povo, oferecendo ao sr. general Carmona como recordação, um moringue com a seguinte legenda: «Os republicanos de Sagunto ao Presidente da Republica Portuguesa».

Em Valencia

O comboio chegou á estação de Valencia ás 22 horas. Encontrava-se na gare todo o elemento oficial, uma grande multidão e um bando alegre de raparigas solteiras.

Mal o comboio entrou nas agulhas, ouviram-se vivas entusiasticos e palmas atoadoras. A manifestação teve o caracter duma verdadeira apoteose.

O sr. general Carmona desceu á gare, sendo cumprimentado pelo governador civil, marquês de Sotelo; capitão general da região, general Ruano; reitor da Universidade, vigario geral, representando o bispo da diocese; consul de Portugal, Ibanez Rijo, etc.

Formou-se então um grande cortejo que acompanhou o Presidente até uma das salas da estação, onde foi saudado com um notavel cunho de sinceridade pelas autoridades locais.

Quatro lindas senhoritas valencianas, vestidas com o trajo tipico da região, todas de branco e com suas «peinetas» douradas, ofereceram ao sr. general Carmona cada uma a sua «corbeille» de flores, as mais lindas que se puderam colher nos famosos jardins de Valencia. Todas as senhoritas rodearam neste momento o nosso Presidente, fazendo-lhe uma simpatica manifestação. O Presidente da Deputação saudou, em breves palavras, o sr. general Carmona, sendo muito aplaudido por todos os presentes. As senhoras que não couberam dentro da sala, começaram então a fazer na gare manifestações de simpatia a todos os portugueses da comitiva, trocando-se graçeas e «piropos» adequados ao feito espanhol.

Ao nosso Presidente foi ainda oferecida uma enorme e majestosa «corbeille», com rosas, cravos e frutas da região, tão grande que não coube no comboio, tendo de se arranjar um «fourgon» especial para a transportar. O comboio ficou literalmente cheio de flores, sendo esta a nota mais interessante da viagem de Barcelona a Sevilha.

Quando o comboio partiu, as manifestações subiram ao rubro. Uma loira gentilissima, tendo ouvido uma galantaria a um official da comitiva, que é solteiro, respondeu-lhe:

— Pues quedese Ud. con nosotras en Valencia y ya verá lo que le pasa!

Já era muito tarde quando o comboio se pôs em marcha. A despedida, todos os portugueses tratavam já as senhoritas de Valencia pelo seu nome:

— Oye tu, Carmen!

— Adiós, Paquita!

— Que dice?

— Que no te olvidaré, Dora.

Apagaram-se os sorrisos, mas ficaram o encanto das flores.

Na estação de Cordova, o sr. general Carmona era aguardado pelo Presidente do Patronato de Turismo e muitos populares.

A chegada a Sevilha

O comboio chegou a Sevilha ás 14 e 30. Na «gare» de Cordova, era o Presidente esperado por todo o elemento official e por extraordinaria multidão. O infante D. Carlos representava o Rei Afonso XIII. Além do general Primo de Rivera, compareceram o reitor da Universidade, D. Feliciano Candao, o governador militar, D. Antonio Barreto, o governador civil, D. Vicente Arenas, o vigario geral, D. Armario Rosado, representando o Cardeal, que se encontra em Roma, donde mandou propositadamente um telegrama, e uma comissão de conegos da Catedral, que convidou o Presidente a visitar o famoso monumento.

O sr. general Carmona tomou lugar numa carruagem á «Daumont», acompanhado pelo infante D. Carlos, seguindo noutra o sr. general Ivens Ferraz e o ministro dos Estrangeiros, acompanhados pelo general Primo de Rivera.

Durante o desfile do cortejo, em que tomou parte enorme multidão, ouviram-se muitos vivas ao Presidente Carmona. As ruas estão engalanadas e Sevilha oferece por toda a parte um aspecto festivo.

O Chefe do Estado dirigiu-se ao Hotel Afonso XIII, onde tem os seus aposentos.

As 16 e 30, está visitando o Pavilhão Português, assistindo esta noite ao grande banquete que lhe é oferecido pelo «ayuntamiento» no Hotel Afonso XIII, a que assistem igualmente o Rei, os Infantes e os ministros de ambos os países.

A'manhã, ás 16 e 30, o sr. Presidente da Republica será recebido no «ayuntamiento» com grande solenidade, como raras vezes se costuma fazer em Sevilha.

As 18 e 30, haverá grande recepção no Pavilhão Português, a que assiste o Rei de Espanha.

O Presidente regressa a Portugal na sexta-feira, ás 23 horas.

Os jornais noticiam que o comboio terá uma demora de três horas em Badajoz, onde se prepara uma recepção imponente ao sr. general Carmona, mas esta noticia ainda não está confirmada.

Declarações officias

Os jornais espanhóis dizem que nos meios bem informados se assegura que, como consequencia da viagem presidencial, será em breve assinado um tratado de comercio entre os dois países, que terá como base fundamental realizar um trabalho de conjunto para o desenvolvimento das

(Ver continuação na 12.ª página)

Pelos teatros

«Chegar a tempo»

No proximo sabado, 26, efectua-se, no Teatro Nacional, pela Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, mais uma «première», que vai produzir o maior interesse ao publico, pois que se trata da estreia de uma linda comedia hungara, em 3 actos, do escritor Ladislau Fodor, conhecido já em toda a Europa, sendo toda a sua acção passada na cidade de Budapest, «Chegar a tempo...», tradução do nosso presado colega de redacção Nobre Martins, é uma peça encantadora, levemente tocada de um fio de sentimento, mas sempre alegre e interessante. Tem três admiráveis papéis que vão ser, respectivamente, interpretados por Ester Leão, que realizará uma curiosa figura de actriz, «estrela» de companhia; Abilio Alves, que fará um curioso galã e Alexandre de Azevedo que criará um belo tipo de grande comerciante e capitalista, sendo a encenação de Antonio Pinheiro e reaparecendo o actor Alfredo Ruas, num engraçado papel episódico.

Lucilia Simões

Na peça «A Raça de Azaral», actualmente em scena no Teatro do Gimnasio, registando um exito admiravel, ha que pôr em relevo a magnifica interpretação da grande Lucilia, no papel da nobre duquesa de Azaral.

Como disse Antonio Ferro, na sua critica repassada de ternura: «Lucilia Simões compôs a sua personagem com a saudades de sua mãe, da grande Lucinda. Uma verdadeira evocação, uma evocação enternecedora, um retrato perfeito da grande artista, com alguns retoques... Belo trabalho e bela recordação... Lucinda não morreu, porque Lucilia vive.»

Teatro Politeama

Com grande concorrência de escritores teatraes, jornalistas e amigos da empresa, efectuou-se ontem, no Teatro Politeama, a apresentação dos artistas que constituem a nova organização da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, da qual fazem parte Palmira Bastos, Suzanna de Oliveira, Maria Helena e Maria de Carvalho. Seguidamente começaram os ensaios da peça inaugural desta Companhia, a comédia em 3 actos, de Hennequin e Coolus, «A Rainha de Biarritz», tradução de Carlos Alberto Ferreira, na qual reaparece a ilustre actriz Palmira Bastos.

Atrás do reposteiro

Lucilia Simões, Brunilde Judice, Erico Braga e Samwell Diniz, são os principais interpretes da peça «A primeira noite», que a seguir á comedia «A Raça de Azaral», subirá á scena no Teatro do Gimnasio.

No Teatro Sá da Bandeira, do Porto, continua em scena, pela Companhia Chaby Pinheiro, a comedia «Os Dois Milhões», tradução do nosso colega Alvaro de Andrade.

Pelo sr. Santos Guerra foi entregue á Companhia Lucilia-Erico a peça «Melgarejo», original do escritor argentino Paravicini.

Proseguem activamente os ensaios de apuro do novo quadro «Feira de Amostras», com que se apresentará a 1 de Novembro, completamente remodelada, a revista «Sol de Portugal», para inauguração da temporada de inverno no Teatro Variedades.

Para a Companhia Adalina-Aura Abranches estão traduzindo uma comedia hungara, a ultima do escritor Ladislau Fodor, autor da peça «Chegar a tempo...», que vai representar-se no Teatro Nacional, os escritores Coutinho de Oliveira e José Galhardo.

Está sem contracto o actor Joaquim de Oliveira, por se haver desligado, de comum acôrdo com o empresario José Loureiro, do contracto que lhe havia sido proposto para a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo.

Parece que se pensa na organização, para occasião oportuna, de uma companhia de opereta e opera comica, dado que são os artistas deste genero de teatro que estão atravessando a maior crise de desemprego.

A ballarina austriaca que vai trabalhar como «partenaire» do ballarino Francis, estreando no dia 1, no Trindade, tem o nome artistico inscrito na Inspeção Geral dos Espectaculos, de Stephanie Sedlacek.

Erico Braga organizou para os intervalos dos seus espectaculos, no Teatro do Gimnasio, um programa de atracção que consiste na exhibição do «Lucifer's jazz», o melhor agrupamento no genero que hoje actua em Lisboa, pois, apesar de musicas modernas, ultimas novidades da America, Inglaterra e França, executa trechos classicos a que um ambiente de luz, habilmente preparado, empresta uma côr de novidade e sensação.

O FILME RUSSO
A ALDEIA DO PECADO
no São Luiz

GINASIO
COMPANHIA LUCILIA-ERICO
HOJE — A's 21,30 — HOJE
Uma magistral criação de Lucilia Simões na emocionante peça
«A Raça de Azaral»

VIDA LITERARIA

Notas e impressões

SOBRE OS LIVROS DA SEMANA

Vinte e oito meses

no

Palacio das Necessidades

Um livro de antigo ministro sobre o periodo do seu governo presume-se que contenha materia apetitosa: debate ou memorias, de qualquer maneira um portico da grande Historia. Para ser um livro de memorias é, de facto, demasiado cedo. Debate não está na tradição do sr. dr. Bettencourt Rodrigues o processo. Tinha, portanto, de tratar-se, como efectivamente se trata, de uma serena exposição dos seus actos, na chancelaria portuguesa: a divida de guerra á Inglaterra, arrumada com brio, com luz, e em condições melhores do que as previstas; o acôrdo com a Espanha sobre o Douro internacional, velho e debatido problema que já andava a judiar com duas dinastias de ministros dos Estrangeiros, e que s. ex.^a o sr. dr. Bettencourt Rodrigues resolveu; os convenios assinados com a Belgica, acêrca das nossas relações coloniais; o convenio da mão de obra para as minas de ouro do Rand, a adesão de Portugal ao Estatuto de Tanger, e o acôrdo que regulou com a Santa Sé a questão do Padroado do Oriente.

Este ultimo não foi dos menos dificeis de resolver, sendo modelarmente abordado pelo sr. dr. Bettencourt Rodrigues no seu livro. Não se pode dizer tudo, calando mais! É duma factura perfeita no bom sentido diplomatico esse capitulo, e duma elevada lealdade para com os seus colaboradores, o dr. Gonçalves Teixeira, o actual secretario geral sr. Luis Teixeira Sampaio e para com o dr. Augusto de Castro, a quem s. ex.^a o sr. dr. Bettencourt Rodrigues se refere assim:

Em resumo, conseguiu o actual Governo da Ditadura salvar o Padroado e obter da Santa Sé o maximo que se poderia obter, dadas as dificuldades e oposições com que teve de lutar, durante todo o decurso das negociações, cujo resultado é em grande parte devido á maneira como as conduziu em Roma o nosso ministro junto do Vaticano, sr. dr. Augusto de Castro...

Quanto ás dificuldades, o sr. dr. Bettencourt Rodrigues indica-as desta indirecta e resumida forma:

«Mas é tambem para considerar que a antiga diocese de Damão, exceptuando as possessões portuguesas de Damão e Diu, que constituem a sua parte minima, estava toda encravada em territorio inglês, e que o Governo britânico já não olha para a acção religiosa de uma potencia estrangeira, nos seus dominios, com a mesma manifesta despreocupação com que ali por volta do ano de 1883 ou 1884 o secretario de Estado, lord Kimberley, recebeu e lançou depois ao cesto dos papeis inuteis o

memorial em que dez bispos e um pro-vigario apostolico da Propaganda Fide lhe pediam que o Governo inglês conseguisse o abandono por Portugal do seu direito de Padroado, na India.»

Ha a assinalar ainda os ultimos capitulos do livro — *As nossas relações com o Brasil* — em que s. ex.^a o sr. dr. Bettencourt Rodrigues expõe o seu criterio sobre esse problema, e a *Nota Final*, em que o illustre autor se dá ao trabalho de acentuar a diferença que ha entre *federação* e *confederação*, para aquietar reparos e sobressaltos, quando se trata de aproximação luso-brasileira.

É, em suma, um registo sério e ponderado de factos consumados pelo respeitavel chanceler, durante os vinte e oito meses que dirigiu os negocios do Palacio das Necessidades.

Entrou para esse ministerio, conta s. ex.^a no prefacio, sem levar propositos de reformador, e saiu do ministerio com o proposito de dar conta dos seus actos á opinião publica do seu país, que ha muito o aclamou como um valor dos mais lidimos que teve a sua geração.

MONUMENTOS DE PORTUGAL — (Ed. da Litografia Nacional — Porto).

Trata-se duma colecção de vulgarização artistica que vem avaliada pelo alto patrocínio da Associação dos Arqueologos Portugueses. Gremio de tal cultura não apunha a sua chancela abonatoria

em obra de cordel. Ao que se propõe esta colectanea? «Divulgar e propagar o conhecimento do patrimonio monumental do país (catedrais, igrejas, conventos, palacios, pelourinhos, cruzeiros e castelos) como do artistico (esculturas, pinturas, vitrais, ourivesarias, etc.) cuja difusão e cujo estudo integral e metodico estão por fazer.»

E a proclama da publicação enuncia adiante: «Anexa, publicar-se-ha, tambem, em ocasião que oportunamente será annunciada, uma colecção de monografias dos artistas de maior relevo nas artes plasticas portuguesas, tanto do passado como do presente, entre os quais mencionam Machado de Castro, Soares dos Reis, Sequeira, Vieira Portuense, Grão Vasco, Nuno Gonçalves, Columbano, Malhóa, João Augusto Ribeiro, Teixeira Lopes, etc.»

Para tais empreendimentos, qualquer deles, carecia-se da conjugação feliz de três elementos: boas e eruditas penas, colaborador fotografico eximio, e oficinas graficas capazes.

A colaboração fotografica não a ha melhor em Portugal: é a Casa Alvão & C.^a

Os realizadores graficos têm as suas inquirições tiradas: é a Litografia Nacional, do Porto, em cujos prelos foi tirada a *Historia da Colonização do Brasil*.

Quanto aos colaboradores literarios a lista promete mestres. E que não promete em vão, provam-o os quatro volumes já publicados: n.º 1, *Batalha*, estudada pelo erudito

professor da Historia de Arte da Universidade de Coimbra, Vergilio Correia, nome feito, justamente respeitado; n.º 2, *Tomar*, pelo professor dr. Vieira Guimarães, cuja obra passada o acreditou ha muito como quem melhor conhece esse setor artistico; n.º 3 *Porto*, pelo dr. Carlos Passos, que nos dá uma excelente noticia historico-arqueologica e artistica da Catedral e das Igrejas de Cedofeita e de S. Francisco. Sinteticamente traçada, releva esse estudo tão profundo conhecimento do assunto, tal competencia e eruditismo historico, artistico e arqueologico que, com penas de parecer mal pedir alguma coisa a pessoa que acabamos de conhecer pessoalmente, não hesito em que amplie a sua curta sintese a um largo trabalho sobre a cidade que foi mãe de Portugal e a fez nação. Não só os portuenses, mas todos os portugueses lho agradecerão, e o publico lho reconhecerá. Tem demais a mais, além da casa Alvão, dois colaboradores preciosos: Amoroso Lopes e Manuel Abella, que desenharam primorosamente os *parti colori* que vão pelo texto, colaboração já notada no tomo sobre *Tomar*, e que para *Alcobaça* trabalharam tambem e muito bem.

Assina o tomo sobre *Alcobaça* um mestre consagradissimo, Ernesto Korrodi, a quem a arte nacional tanto deve.

As capas são de Amoroso Lopes, e cada trabalho abre pela planta do edificio a estudar e é illustrado por fotos a sépia que a Litografia Nacional, em verdade, tratou magistralmente.

O texto é inteligentemente contralido nas traduções francesa e inglesa, pois que ao leitor estrangeiro não interessa a abundancia de pormenores historicos, arqueologicos, artisticos, que o português exige.

Do elenco de colaboradores ressaltam grandes nomes e competencias: dr. Manuel Monteiro, dr. João Barreira, Matos Sequeira, dr. José Saraiva, Laranjo Coelho, dr. Alberto Feyo, Luis Kell, dr. Maximiano de Aragão, etc., etc.

A colecção, que é de 50 volumes, em séries de dez, está absolutamente assegurada como obra séria, de altos intuitos de arte e patriotismo, na sua simpleza e sintetico aspecto de vulgarização.

Dentro de breves anos será o *Substratum* de obras monumentais sobre arte portuguesa como em Italia publicam os editores de arte Bastemmi & Tumminelli.

Goloram

NOTA—Para referencias nesta secção é de rigor dois exemplares, sendo um deles destinado ao critico.

Uma forte comichão

acompanhada de pustulas e bolhinhas caracteriza as enfermidades parasitarias da pele, taes como a sarna, tinha, e outras erupções tão frequentes nos países quentes. Um frasco de

Mitigal

é suficiente para eliminar a comichão e todos os perigos que d'ela derivam.

Emprego agradável, pois não suja a roupa e é perfumado. Embalagens originaes *Bayet* de 75 e 150 grs.

BAYER

Meias marca M I
as de mais duração

Meias marca M I
as sempre preferidas

MUSICA

A' volta

da ideia
da orquestra de civis

A Musica existe entre nós no estado anárquico, de caos, ou barbaire, e é portanto necessário que de algum modo se trabalhe para atenuar os males de que ela enferma, enquanto não surge no horizonte um Ministro da Arte que, bem orientado e conhecedor da podridão que lava no meio musical português, legisle de alto a baixo, protegendo a Arte e os Artistas e o Público, e obrigando-os por seu turno ao cumprimento de deveres que importam o bem geral!

Como porém não tem havido muito barulho em volta da questão dos músicos civis, será bom que se exponham os motivos.

A profissão de executante musical civil, e mesmo a de outras especialidades da Musica, é, em Portugal, desempenhada em grande parte por músicos militares ao serviço, por reformados, por professores do Conservatório, por civis com outros empregos mais ou menos compatíveis com a Musica, e por meninos e meninas, em geral sem responsabilidade de família ou que são por ela sustentados, e às vezes ainda no estado de estudantes, aprendizes, praticantes ou coítes que o valha.

É claro que estes indivíduos, não lhes faltando o pão, não sentem necessidade de protestar contra o desemprego dos civis que são unicamente músicos e não têm lugar do Estado, do mesmo modo que não protestam contra a desordem, miséria, grosseria de que são vítimas, e falta de sã e séria organização que existem na tão bela profissão musical, tão descreditada às vezes por falsos músicos ou mercenários, ou aventureiros.

É pois uma minoria (talvez 100 ou 150 civis, profissionais da Musica unicamente e sem lugar certo, entre os quais ha elementos de valor), que pede emprego em Lisboa quasi como quem pede esmola! Estes músicos, dispersos, na maioria sem orientação, sem uma direcção que os leve ao bom caminho, põem-se para aí, á espera do que ha-de vir, na dependencia de teatros musicados, que, em regra, na nossa época, de leões e estrelas, nem mesmo a preços populares se mantem abertos 15 dias seguidos sem «déficit», na dependencia de ballaricos de ocasião, de festinhas de Igreja, na dependencia enfim das pilhas diversas alfacinhas, que não se sabe nunca quando começam mas que se sabe muito bem que acabam depressa, e onde, por vários motivos—entre eles a dependencia em que se collocam,—se sujeitam a irrisórios ordenados mínimos, demais á mais com S. Carlos fechado, os outros teatros e amateiros, com a monotonia dos trios ou quartetos de corda executando peças de grande orquestra, ou grupos de «jazz», só com o «jazz» e sem grupo, etc., etc.... O resultado desta dependencia é estarem volta e meia sem trabalho, desunidos, não se conhecendo, não se constituindo em grupos conscientes e procurando apenas a sua illusória conveniencia individual de ocasião! É assim que, depois de longos anos de estudo, se têm sempre arrestando os músicos civis, não obstante saber-se que a Musica é a mais independente de todas as artes, e pôde muito bem viver apenas á sua custa!

Entre parentesis devo dizer que há muito já que os actores nos dão um belo exemplo de energia, iniciativa e trabalho. Sendo a sua Arte de modo tal que reúne muitas ou mesmo todas as artes, eles não desanimam por isso, e a todo o momento, todos os que estão desempregados na capital, organizam «tournées» á provincia e a outros pontos, e assim vão vivendo, mostrando a sua união e expediente perante as dificuldades da vida.

Uma orquestra tem muito mais probabilidades de viver aqui e em toda a parte do seu esforço apenas que uma companhia dramatica.

Os músicos civis, se quiserem trabalhar, procurando uma boa direcção, terão a boa cama em que se desejam deitar. É só pôr de parte os malizantes, os preguiçosos e os que querem desarmar os que têm vontade de trabalhar, e mais nada.

Foi pois, por um lado pensando na independencia da Musica e por outro no desemprego dos civis, que o professor Valentim se lembrou de ferir a corda da criação de uma orquestra municipal ou mesmo de outra de caracter permanente, que dando pão regularmente aos músicos, executantes civis, pudesse também vir a ser um meio musical superior para os artistas bons que possuímos dispersos, e um meio até de protecção a todos os compositores nacionais de Musica Pura, regentes, etc.

Mas... somos chegados agora ao ponto principal da questão, e sobre o qual já alguém, intrometendo-se, disse coisas de que não se deve fazer caso: Esse ponto é a manutenção da orquestra.

Há sempre maneira de fazer as coisas; ou mais ou menos inteligentemente, ou mais ou menos absurdamente. Trata-se de manter uma orquestra de civis permanente, ou municipal ou não. Mantenha-se pois de qualquer modo. Entrando em filosofias ninguém a mantem afinal. Mantem-se ela, a si propria!

O que faz a orquestra? Trabalha? Então quem trabalha tem direito a ser mantido! Mantê-la desta ou daquela maneira não importa! Se é absurda e prejudicial para uns uma dada maneira e nos vamos revoltar contra isso, então temos que nos revoltar contra todos os absurdos que existem e então vamos a endireitar o mundo tornando a Terra num paraíso a todos os respeito!

Também a Musica no meio da rua, num coreto, na inferneira da cidade, ou na algarra dum café, etc., etc., é absurdo, e no entanto todos aceitamos isso e sofremos as consequências! É o mundo!

Faça-se pois alguma coisa que já não é sem tempo. Ou melhor ou peor pela nossa parte agradecemos já.

ANIBAL FREITAS
(Profissional civil)

A SUERO
E
A SCIENCIA

Um dos maiores defeitos do temperamento meridional é o exagero, nas ideias e nas paixões. O exagero é uma lente que aumenta as proporções das coisas, transformando, á mercê da inspiração de momento, um pigmeu num gigante, uma noite caliginosa numa aurora resplendente.

O temperamento meridional é um D. Quichote atravessado de Tartarin de Tarascon.

E é assim que de repente, quando mal nos precatamos, aparecem coisas maravilhosas, dominadoras, absorventes, mas cuja acção não dura mais do que dias ou semanas.

Foi o que aconteceu ha pouco com a arte de tratar as doenças por meio dum cauterio aplicado á região nasal.

A pratica do sistema vinha de longa data. Afirma-se que os chineses ha já quatro mil anos encontraram no nariz o fio que conduz á cura de graves enfermidades, e que também o celebre Hipocrates já praticara na antiguidade grega applicações iguais.

Entre nós sabe-se que ha dois seculos o celebre medico Curvo Semedo applicou cauterios de reflexoterapia na coxa atraz da orelha, onde se faz a junção dos queixos, segundo deixou escrito, por estas palavras mais ou menos. (Cito de cór).

Na sua obra afirma que curava varias paralísias e que principalmente para as sciaticas o processo era quasi infalivel.

Em 1913, o dr. Bonnier publicou um grosso volume com a indicação de centenas ou milhares de casos em que a reflexoterapia, por meio do cauterio nasal, tinha produzido curas maravilhosas.

Agora appareceu o dr. Asuero a declarar que estava na posse da ultima palavra sobre a influencia que a cauterização em determinadas zonas nasas exerce nas varias doenças, indicando muitos casos de curas e alívios em doentes abandonados pela medicina—como direi?—ortodoxa.

E num momento, como dum alcapão magico, surgiram medicos portugueses por todas as ruas da cidade, annunciando curas, em dois minutos, de doenças até aí consideradas incuraveis.

Foi uma explosão de contentamento e esperança nos arraiaes patológicos. As almas de muitos enfermos, que tinham mergulhado na sombra amargura da desesperança, embandeiraram em arco e puzeram luminarias.

E já o consenso publico preparava uma apoteose ao ferrador de Chão de Maças, o unico homem que representava, até ao advento de Asuero, a tradição portuguesa de Curvo Semedo, e a estrangeira da China e de Hipocrates.

Em varios pontos de Lisboa havia reboliço, com grandes ajuntamentos. Aqui era um paralitico que levantava ao ar, com pasmo da multidão, os braços que durante alguns anos tinham estado inertes; mais além, era um mudo que explicava aos assistentes a rapidez milagrosa com que recuperara a fala.

Alguns medicos apregoaram estar na posse de todo o segredo asuerico e faziam tratamentos em lotes, mais barato, para acabar.

Outros, aferindo o valor da picada na venda do paciente pelo apreço em que o desgraçado tinha a cura, levavam-lhe conta, não de consulta, mas de operação cirurgica, como com justa censura notou num excelente artigo o dr. Samuel Maia.

Nos teatros, cafés, restaurantes, em todos os pontos onde se agrupavam pessoas, não se discutia outro assunto.

Havia controversias calorosas e azedas entre os fanaticos do asuerismo e os medicos que opunham, á citação dos factos, os raciocínios da sciencia.

Um clinico de grande reputação chegou

a declarar que, se o asuerismo triunfasse, rasgaria o seu diploma de medico, como quem diz que diante de tal novidade toda a sciencia ministrada nas cadeiras do seu curso estava errada.

Os jornais enchiam de reflexoterapia algumas das suas melhores columnas.

A esta excitação nos espiritos veio dar mais calor ainda a controversia entre duas notabilidades espanholas, o conde de Gimeno e o dr. Gregorio Marañon.

Marañon, com mais sangue na guelra e por isso mais aferrado aos dogmas da sciencia, não admitia o exito daquilo que considerava mero charlatanismo; o conde de Gimeno, idoso e por isso, mais conformavel com os imprevistos sem explicação scientifica, admitia a possibilidade da providencial descoberta.

Repetiu-se mais uma vez a scena constante daquela proverbial frase francesa, que neste caso tem applicação especial: *Hippocrate dit oui, mais Galien dit non.* O asuerismo foi, enfim, um grande rumor e estupefacção na peninsula, irradiando um pouco, mas discretamente, para os outros povos.

Isto durou dois meses. Depois, calma, silencio, desinteresse. Porquê?

Porque não appareceu já alguém com autoridade scientifica reconhecida a explicar a razão da reviravolta?

Não é certo que muitos ou pelo menos alguns casos de cura pela reflexoterapia se apuraram no meio de toda essa multidão de doentes? Quantos foram esses casos? Não seria possível fazer um apelo aos curados ou aos seus medicos para nos darem essa interessante nota estatistica? Pois não será coisa de importancia fixar o criterio terapeutico neste ponto que implica com a saude duma grande parte da população?

Foram, porventura, efemerias todas as curas realizadas, recedendo as doenças que se teriam retraído por momentos, como que assustadas pelo cauterio?

O caso de insucesso do dr. Antonio José de Almeida, que a alma de todo o país acompanhou a S. Sebastião, ansiosa de que regressasse curado, não pode explicar o desinteresse, porque as condições da sua longa enfermidade dão-lhe uma situação fora da regra normal.

Mas não ha, pelo menos, a fazer o apuramento definitivo dos casos de sciatica, que já eram conhecidos na antiguidade, que foram narrados ha dois seculos por Curvo Semedo e que nos ultimos anos foram executados á sombra dum diploma doutoral por Bonnier e empiricamente pelo ferrador de Chão de Maças, já em herança paterna?

Não haverá efectivamente alguma coisa definitiva a fixar, do tratamento reflexoterapico, para bem dos que sofrem?

Porque não diz quem tem autoridade para o dizer?

Foi tudo charlatanismo, cadeia de la-tão empirico a fingir ouzo de verdade scientifica?

Falem os apostolos da sciencia, que tão arrebatadamente excomungaram e chasquearam o asuerismo, para que todos nós fiquemos sabendo que a suposta descoberta terapeutica não passou afinal duma modalidade daquele espirito pantomimeiro que dantes se empoleirava no Rossio a apregoar pastilhas que tiravam todas as nodeas, de corpo e alma.

Mas, se por felicidade de muitos infelizes se apurar estatística com numero apreciavel de curas, então só nos é licito esperar que a Sciencia, não podendo pela sua propria natureza pôr-se em contradição com a verdade dos factos, que é a verdade definitiva, procure explicá-la e incluí-la nos seus canones, para bem da humanidade.

D. ALBERTO BRAMÃO

Serviço permanente de recolha e lavagem — Venda de gasolina, óleos, pneus e acessórios

GARAGE DA LAPA

TELEFONE T. 1239

LISBOA

Rua Francisco Borja, 56

27, Rua do Prior, 29

Sortes grandes?

só o PINA as vende

76 -- Rua de S. Paulo -- 77

Quer a sorte grande?

adilite-se na tabacaria MADRID

Rua do Mundo. 115

VERSOS

Rainha

Santa

por Julio Guimarães

Segundo uma lenda resa,
Houve em tempo uma Rainha
E Rainha portuguesa,
Que ao santo poder que tinha
Unia: graça e beleza.

Sendo, no caminho seu,
Mensageira da bondade
Enviada pelo céu,
A tradição escreveu
No seu brazão:—Caridade!—

Qual mãe acariçadora
Da indigencia era ela
Desvelada protectora,
A mais fulgurante estrela,
Rainha e Nossa Senhora!

Jámais deixou de correr
Ao casebre sem ter ar
Poiso do negro sofrer,
Onde as almas a penar
Quasi estavam a morrer;

Como se fosse Jesus,
A' choupana pobresinha,
Onde a vida era uma cruz,
Lá ia, a Santa Rainha,
Dar o pão e levar luz!

Sem o gesto alardear,
Ocultava com cuidado,
P'ra ninguém desconfiar,
O peculio abençoado,
Que a miseria ia abrandar.

II

Ao Rei—monarca zeloso,—
Foi contar um certo conde
Que sua esposa, a Rainha,
Andava muito sosinha
Tal como alguém que se esconde...

O fidalgo delator
Não era bom português,
Mas emigrado flamengo,
Tinha a alma dum podengo,
Coração com malvadez.

No peito do soberano
Formou-se logo um vulcão,
Cujas lavas—o ciúme,
Brotaram, jorrando lume,
Queimando-lhe o coração!

E despedindo o malvado
Tocou num tam-tam, chamou,
O velho creado Alfredo,
Que tudo ouvira em segredo,
E logo se apresentou.

—Eu quero que tu indagues,
Sem demora, quanto antes
Como se porta a Rainha...
Consta-me que anda sosinha
Talvez... atraz dos amantes!...

—Senhor!...—responde o creado,—
Quem tal vos disse mentiu!
Foi qualquer alma danada...
Uma esposa tão honrada
Jámais no mundo existiu!

«Sei bem os passos que dá
A minha Rainha e ama!
Vai, Senhor, todos os dias
Dar mãos cheias d'alegrias,
Aonde a desgraça a chama!...

«Vai, cheia de fé e união,
Aos doentes dar conforto,
Socorrer os pobresinhos...
Matar a fome ás crianças,
Aos orfãos inocentinhos!

«Às vezes, inda de noite,
A Rainha se levanta
E vai ver um moribundo!
Não ha outra igual no mundo...
A Vossa Esposa—é uma Santa!...

—Basta!...—volve Don Diniz,
Com visível comoção!
Eu seguirei a Rainha
Quando ela sair sosinha
E verei quem tem razão!

JULIO GUIMARAES

CARTAZ**TEATROS**

Nacional—A's 21,30—«Quando nos casamos?».
Ginástico—A's 21,30—«A raça de Azaral».
Apolo—A's 21,30—«O pai de todos».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«Chá de Parreira».
Esplanada Egipcia (Parque Mayer)—A's 20,30 e 22,30—«On-Side».

NIMATOGRAPHOS

São Luiz Cine—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 às 0,30.
Cinema Condor—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Odeon—A's 21.
Central Cinema—A's 21.
Salão Ideal—A's 20,30.
Max O'Leary, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina)—A's 20,30.

Nacional

HOJE—às 21,30

Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo
A engraçada comédia em 3 actos

QUANDO NOS CASAMOS?**TEATRO APOLO**

HOJE—A's 21,30—HOJE

Companhia Adeline-Aura Abranches

A deliciosa comédia em 3 actos

O Pai de todos**TEATRO VARIEDADES**

HOJE—A's 20,30 e 22,30—HOJE

Companhia Hortense Luz

Em pleno triunfo!

CHÁ DE PARREIRA

Única revista em scena

POLICLINICA DA ESTRELA

Rua Domingos Sequeira, 1 M, r/c—LISBOA
Telefone Trindade—31

Dr. João M. Rodrigues—D. dos rins e vias urinárias, às 4 h.
Dr. Sacadura Botte—Clínica cirúrgica—Operações, às 16,30 h.
Dr. Carlos Larroude—Ouvidos, nariz e garganta, 11 h.
Dr. Carmo dos Santos—Sífilis e doenças venéreas, às 11 h.
Dr. Drummond Borges—Clínica médica, coração e pulmões, às 13 h.
Dr. José Bonito—D. das grávidas, puerperas, útero e anexos—Doenças das crianças, às 13 h.
Dr. Nicolau Bettencourt—Estômago, fígado e intestinos—D. da nutrição (diabetes, gota, obesidade), às 15 h.
Dr. Manuel d'Assumpção—Clínica geral às 15 h.
Dr. Marques Managás—Análises clínicas—Vacinas, às 14 h.
Dr. Sertorio Senna—Doenças dos olhos, às 9,30 h.
Dr. Virgílio Xavier—D. da boca e dentes—Prótese, às 12,30 h.
Dr. Aleu Saldanha Cruz—Raios X—Radioterapia, às 16 h.
Ortopedia—Massagem—Ginástica médica—Raios ultra-violetas.

Rigor da Moda

Grande Alfaiataria

Sobretudo, ultima moda 190800

ACEITAM-SE FATOS A FEITO

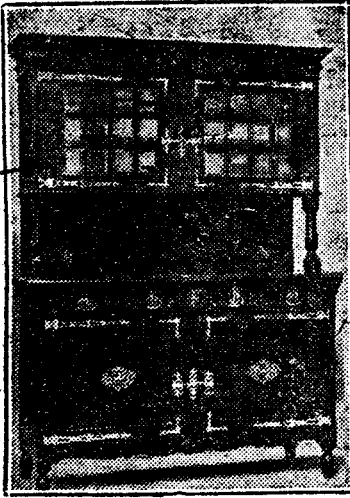
18, Rua de S. Nicolau, 20

Esquina da R. dos Douradores



Maria Antonia Salema Garção
Leitão Xavier da Hora

Confortada com os sacramentos da Igreja, faleceu no dia 23 de Setembro findo, Maria Antonia Salema Garção Leitão Xavier da Hora, realizando-se amanhã, pelas 10,30 na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, missas de sufrágio pela sua alma, que sua família manda rezar.



Armazens de Moveis do Calhariz

DE
Paixão Carvalho, Ltd.

As nossas mobílias de casa de jantar (estilo holandês) e de outros estilos, são de fabrico esmerado e tem satisfeito os mais exigentes

DIGNE-SE V. EX. VISITAR A NOSSA EXPOSIÇÃO

Grande sortido em Oleados, Carpetes, Tapetes e Passadeiras

26, LARGO DO CALHARIZ, 28 Telefone T. 805

INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA

Largo D. Estefania, 6, 1.º Telefone N. 3435

CORPO CLINICO—DOUTORES

A. de Almeida Rocha—Clínica geral—às 14 horas.
Eugenzinda Teixeira—Doenças das senhoras—3, 5, 7 e sábados às 14 horas.
Carlos Guerra—Clínica médica. Doenças do coração e pulmões—às 12 horas.
Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Prótese. Doenças tropicais—às 9 h.
Heitor da Fonseca—Clínica médica. Doenças do estômago, intestinos e fígado—às 14 horas.
João Valente—Doenças dos ouvidos, nariz e garganta—às 16 horas.
J. Pais de Larangeira—Doença dos rins e vias urinárias—às 11 horas.
José Salazar Carreira—Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica—às 11 horas.
Lopes d'Andrade—Doenças dos olhos—às 16 horas.
Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 horas.
Camilo Sobral Blanco—Doenças da pele e sífilis—às 14 horas.
Análises clínicas. Raios X e ultra-violetas. Electricidade médica.

XAROPE PEIZORAL JAMES

Cura todas as tosses, as mais rebeldes bronquites crônicas e agudas, etc.—A venda em todas as Farmácias e Drogarias

Deposito Geral

FARMACIA FRANCO, FILHOS

RUA DE BELEM, 18 a 22—LISBOA

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA
RUA DO OURO, 18. 24

PORTO
PRAÇA DA LIBERDADE, 28. 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos públicos nacionais e estrangeiros

MOBILIAS

Não comprem sem ver a grande existencia e os preços do fabricante que também as executa por encomenda em todos os generos — SEMPRE MODELOS NOVOS

Antiga Marcenaria do Desterro

— RUA DO DESTERRO, 17 a 29 —

ÀS SENHORAS

Curas miraculosas com o remedio CURANDRA. Entre muitos casos graves: Uma duma doença grave do abdomen, foi curada completamente em 6 tratamentos apenas, evitando-se assim a extracção dos órgãos lesados, a que tinha sido condenada por 3 medicos.

A pedido indicamos medicos e medicas.

Representante: Karl Schunck, Rua S. Julião, 72, 2.º, Lisboa.

Depositario: Raul Gama, Rua dos Douradores, 31, Lisboa.

Agente no Porto: Armindo José da Silva, Rua do Almada, 254, 1.º

Sortes grandes? quer a sorte grande?

só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 2.º 88,

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Américo Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Ezequiel V—4 h.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sífilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Lc—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—12 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 h.
Estômago e intestinos—Dr. Mendesello—3 h.
Útero e anexos e operações—Dr. Casimiro Atonso—às 2 h.
Doenças da nutrição—Dr. A. de Carvalho—4 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 h.
Análises clínicas—Dr. Gabriela Beato 4 h.

Policlinica Central de Lisboa

Para as classes pobres

Praça Luiz de Camões, 22, 2.º Esquerdo

Telefone—Trindade 1043

Dr. Borges de Sousa—Doenças dos olhos—10 horas.
Dr. Henrique Castos—Rins e ap. urinário—11 h.
Prof. Egas Moniz—Nervosas e mentais—3.
Dr. Meilo e Faro—Doenças das crianças—3.
Dr. A. Buqueto—Estômago e intestinos—10.
Dr. Sani'Ana Leite—Quividos, nariz e garganta—12.
Dr. Albino Valente—Pele e sífilis—1 h.
Dr. Figueiredo Valente—Medicina geral, coração, pulmões—1 h.
Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral—3.
Dr. Oliveira Luzes—Fisioterapia, massagem, etc.—1 h.
Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras—4.
Dr. Tiago Marques—Boca e dentes—10.
Dr. Eduardo Coelho—Circulação e nutrição—4.
Dr. Custodio Teixeira—Análises clínicas.

Não sofram mais dos pés

O melhor contra a transpiração. Os Saes «Dermoma» curam todos os males dos pés. Vendem todas as farmácias, drogarias e Mario Brandão, Travessa Nova de S. Domingos, 9, 3.º

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses**Venda de papel inutilizado**

Esta Companhia recebe propostas até às 12 horas do dia 26 do corrente, para a venda de todo o papel inutilizado produzido durante um ano.

As propostas, em carta fechada e lacrada, deverão ser dirigidas ao Secretario da Direcção Geral-Abastecimentos, em Santa Apolonia, com designação no envelope de—Proposta para a compra de papel inutilizado.

As propostas serão abertas na Secretaria da Direcção em Lisboa, Santa Apolonia, perante os concorrentes que quizerem assistir.

Para as propostas serem aceites é indispensavel que o concorrente faça no cofre da Companhia (Estação Central de Lisboa-Rocio) o depósito de 1.000\$00 que será restituído ao adjudicatário no fim do prazo do contrato, se tiver cumprido com todas as condições estipuladas no presente, e aos outros concorrentes dentro do prazo de 30 dias.

Este depósito deve ser feito até às 12 horas precisas do dia 25 do corrente, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio.

O prazo durante o qual os concorrentes contraem obrigação para com a Companhia pelo simples facto da apresentação das propostas, somente terminará trinta dias depois do acto do concurso, continuando essa obrigação a subsistir para o adjudicatário, se o houver.

O papel será entregue sobre wagon na estação de Santa Apolonia à medida que o comprador for avisado, mas nunca em quantidade inferior a 1.000 quilos.

As propostas devem indicar o preço por quilo.

O pagamento é feito quando o comprador for avisado e pela quantidade de quilos que se lhe forem entregando.

As despesas de descarga serão por conta do comprador.

Os pagamentos deverão ter lugar na Caixa da Companhia em Lisboa (estação do Rocio) logo que o comprador seja avisado para os efectuar.

A Companhia entrega a sucata de papel logo que lhe seja apresentado o documento que mostre ter o comprador satisfeito a sua importância.

O papel deverá ser retirado no prazo de três dias depois de efectuado o seu pagamento. Findo este prazo ficará no wagon vencendo estacionamento.

Além do preço oferecido por quilo o comprador terá que pagar mais 2,5 0/0 para despesas gerais.

Será de cargo do adjudicatário o fornecimento de selos para legalizar o contrato. Lisboa, 11 de Outubro de 1929.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Os melhores auto-moveis de Lisboa
São os da Praça da Estrela
T. 647-T.

ESTRANGEIRO

IMPERMIABILISA-SE GABARDINES
sortido novo mais barato
ALFAIATARIA SOARES
R. da Prata, 156

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo Da França

PARIS, 24

A comissão inter-ministerial do Sarre terminou os seus trabalhos transmitiu ao Governo o seu relatório, que conclue pela necessidade de se reclamar a extensão ao terreno mineiro dos acordos metalurgicos franco-alemães actuais, e pela manutenção do «statu quo» pautal alfundegario até 1935.

Segundo o jornal «Le Matin», os delegados da comissão de organização do Banco Internacional, cujos trabalhos estão terminados, faltando apenas a fixação da sede e a designação dos seus dirigentes, declararam que o Banco Internacional seria, não um «super-banco», mas uma especie de agregado dos bancos emissores.—(H.)

A travessia do Atlantico

LONDRES, 23

Nenhumas noticias têm sido recebidas acerca da marcha do avião do piloto americano Diteman, na sua tentativa de voo a Londres, desde a sua partida da Terra Nova, pouco depois do meio dia (hora local).

Segundo noticias da America, Diteman voa num monoplano «Darling», transportando essencia para 25 horas de voo.—(L.)

Um «écran» monstro

NOVA YORK, 23

Uma verdadeira revolução acaba de ser realizada no mundo do cinema com a apresentação dum gigantesco «écran» de 16,5 metros por 11,5 metros de altura, com a apresentação de vistas panorâmicas.—(L.)

Palace Pension Hotel

Rua das Taipas, 2 — Telefone N. 5652

Reservam-se esplendidos quartos com casas de banho e dormidas.

ELIXIR ESTOMACAL de SAIZ DE CARLOS (STOMALIX)

Receitado pe los médicos das cinco partes do mundo por tirar a dor no estomago, as azias, as dispepsias, os vomitos, as diarreias nas crianças e nos adultos que, por vezes, alternam com prisão de ventre, dilatação e ulcero do estomago; tonifica, ajuda as digestões e abre o apetite, sendo utilissimo o seu uso em todas as doenças do

ESTOMAGO e INTESTINOS

Depositarlos para Portugal e Colonias: Vicente Fimante & Oulatas, Rua da Prata, 194 e 196 — LISBOA

CARTA DE BRUXELAS

O aniversario da anexação do Congo á Belgica

BRUXELAS, 19 de Outubro.—As sociedades coloniais belgas comemoraram ontem o aniversario de um acontecimento memoravel. Foi, com efeito, em 18 de Outubro de 1908 que foi proclamada a anexação do Congo á Belgica. O Estado independente do Congo, reconhecido pela conferencia de Berlim em 1885, transformou-se numa colonia deste pequeno e activo país, que assim, de repente, passou a ser a terceira potencia colonial do mundo.

A historia do Congo Belga, apesar do seu indiscutivel interesse, faz-se rapidamente não só porque a nascença do Congo Belga é relativamente recente, mas também porque os factos culminantes a ele ligados não são, em boa verdade, numerosos. Isto não quer dizer, evidentemente, que os belgas e a Belgica não tenham realizado no Congo uma grande obra civilizadora e patriótica.

Foi Leopoldo II, monarca tão caluniado e, na minha opinião, o mais audacioso e intelligente oboiro do prestigio belga, quem proporcionou a este minusculo país, encravado na Europa entre as mais ricas potencias, a posse desses territorios imensos, providos de um solo e de um sub-solo magnificos, ainda hoje, pela sua abundancia, incompletamente explorados.

Esse rei modesto e popular tinha a visão larga, o instinto de dominio de um imperador e a iniciativa impetuosa e rasgada de um millionario «yankee» dos nossos dias. Foi a sua sagacidade que provocou as primeiras explorações serias das margens do Zaire até ás grandes cataratas conhecidas hoje pelo nome de «Stanley Falls».

A região equatorial africana que pertence actualmente á Belgica, «o coração do continente negro» como lhe chama um historiador entusiasta, existia inviolada, abandonada. Nenhum dos grandes países coloniais (nem a Inglaterra, nem a França, nem mesmo Portugal, apesar da contiguidade do nosso opulento dominio ultramarino de Angola) decidira jamais absorver e colonizar essa vastissima região sobre a qual corria a lenda de uma polveira extrema, incapaz de justificar uma custosa acção militar de occupação e a consequente e insistente acção financeira construtiva.

Leopoldo II pôz ao seu serviço uma roda de sabios e de especialistas coloniais. Informou-se tanto quanto possível, das possibilidades que havia de arrancar desses territorios desprezados sistematicamente os recursos compensadores duma occupação efectiva. Rco, activo, com um prestigio internacional incontestavel, manobrou a diplomacia e a finança. E quando se convenceu de que podia agir directamente sem o protesto de nenhuma outra nação, encarregou Stanley, o famoso explorador inglês rival de Livingstone, de se pôr á frente da expedição empreendida em nome da «Associação Internacional do Congo».

Em Agosto de 1879, Stanley sóbe o rio Zaire, vence a impetuosidade da sua corrente, desembarca em varios pontos da sua margem direita, palmilha as suas montanhas abruptas, reconhece, as suas florestas emaranhadas, atinge e ultrapassa as suas sucessivas quedas de agua e instala, durante a sua perigosa e fatigante peregrinação de cinco anos, uma quarentena de postos e feitorias. Um ano depois, as chancelarias europeias reconheciam em Berlim, por intermedio dos seus delegados, a existencia do Estado livre do Congo. E em Agosto desse mesmo ano, Leopoldo II recebia o primeiro premio, a primeira compensação da sua pertinacia e da sua intelligencia, pela concessão que lhe foi feita do titulo de soberano do novo estado.

Os anos seguintes foram, totalmente, de trabalho e sacrificio. Foi um periodo terrivel para os exploradores belgas que tiveram de fazer rapidamente, sem o auxilio sequer de uma tradição, a sua dura aprendizagem colonial. Mas a pouco e pouco, depois de repetidos e mortíferos combates contra os arabes caçadores de escravos e contra os indigenas naturalmente refractarios a qualquer soberania, toda a enorme região—desconhecida, inexplorada, desprezada—era colonizada e permitia aos belgas as previsões mais optimistas sobre o seu futuro.

Em Agosto de 1909, após a morte de Leopoldo II que legou o Congo, em testamento, á sua patria bem amada, a Camara dos Deputados votou a anexação da colonia á Belgica. O gesto desse rei empreendedor foi de uma nobreza e de uma isenção verdadeiramente excepcionais. O

Congo era dele. Leopoldo II tinha aplicado all toda a sua enorme fortuna pessoal e os bens privativos da sua familia. Nada o impedia de conservar em seu nome, como sua propriedade exclusiva, esse dominio imenso. O seu patriotismo modelar impelliu-o, porém, a oferecer á Belgica aquilo que constitui hoje a sua maior riqueza e que foi o verdadeiro fundamento da sua actual e solida preponderancia internacional. A sua gloria não sofreu, por esse facto, nenhum quebranto. Pelo contrario, foi nitidamente engrandecida.

* * *

O que a Belgica tem realizado no Congo, nos ultimos anos, é verdadeiramente formidavel. Os africanistas portugueses, que visitam essa colonia, acham-na atrazada, afirmam que ella se encontra ainda no periodo construtivo rudimentar. A primeira vista, constatao unicamente o que é visível, eles têm razão. Ha ainda, no Congo Belga, muitas deficiencias, muitos sintomas de imprevisão, muitas coisas ostentando um caracter de improvisação absolutamente desnecessario. Mas o observador estudioso, a par da tecnica colonial, descobre com facilidade, após um exame feito conscienciosamente, que aqueles a quem incumbiu a organização e o desenvolvimento do Congo têm um plano logico, dispõem de todos os recursos financeiros indispensaveis á sua execução metódica e que o póem em pratica com uma tenacidade e uma intuição admiraveis e invejaveis.

Os metodos coloniais belgas divergem dos nossos. Ao passo que a nossa colonização teve sempre, possui ainda hoje, um caracter francamente individual, a colonização belga, mais moderna, mais «cientifica», mais logica, possui um caracter colectivo que lhe é concedido pela intervenção activa, quasi exclusiva, exercida no Congo por multiplices sociedades comerciais, mineiras e agricolas dependentes dos poderosos sindicatos financeiros da metropole.

Logo que o diffiil problema da navegabilidade do Zaire acima de Matadi seja resolvido pelos engenheiros especializados que o estudam neste momento; logo que o caminho de ferro do Baixo-Congo, que une aquele posto fluvial a Leopoldoville, seja encurtado na sua distancia e os seus rails actuais, incapazes pela insuficiencia do seu peso, de suportar um trafego intensivo, sejam substituidos; logo que a projectada rede de estradas ligadas todas ás estações principais desse caminho de ferro esteja concluida—o desenvolvimento agricola, mineiro e comercial do Congo Belga será um facto relevante que ha de surpreender as nações que blasonam de colonizadoras.

As dificuldades no Congo Belga não são de ordem financeira, como as das colonias portuguesas. A «épargne» metropolitana fornecerá, ao mais simples apelo, os capitais necessarios ao arroteamento em grande escala daquel territorio e á extracção, pelos metodos mais modernos, das suas quasi inesgotaveis riquezas mineiras. A Belgica, foco de industrias, nada em dinheiro. Este é em tal quantidade que os sindicatos bancarios criam frequentemente sociedades imobiliarias e luscam no estrangeiro zonas de influencia. A nossa colonia de Angola começa mesmo a ser uma dessas zonas.

As três grandes dificuldades no Congo Belga são estas: 1.ª—a insuficiencia das vias de comunicação, gravissima numa das mais vastas colonias do mundo; 2.ª—a escassez da mão de obra indigena que não pode, por ora, ser substituida pelos meios mecanicos; 3.ª—a relutancia, quasi invencivel, que os belgas o manifestam em se fixarem nas plagas nospitas de Africa. Mas estas dificuldades podem ser vencidas. Um notavel esforço de propaganda e uma acção vigorosamente construtiva estão mesmo sendo realizadas, com efficacia visivel, nesse sentido utilitario. Tudo quanto seja possível fazer-se para transformar o Congo num mananial de produtos exportaveis, numa colmeia de actividades semelhante á que se impõe na Belgica continental, será feito pelos homens deste país dotados de uma tenacidade e de um espirito pratico capazes de vencer todos os obstaculos de ordem material que lhes sejam opostos.

Estejam certos disto.

VICTOR FALCAO

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo Da Inglaterra

LONDRES, 23

Nenhumas novas noticias se receberam ainda acerca do aviator Diteman, que levantou voo de Harbour Grace para tentar atingir Londres, desde que o avião partiu da Terra Nova.

Comunicam que o aparelho é um monoplano «Barling», e que dispõe de essencia sufficiente para voar durante cerca de 25 horas.

Numa reunião que ontem teve lugar em Oxford, foi resolvido conferir o grau de doutor «honoris causa» em musica ao eminente compositor inglês Frederick Delius.

Antes do fim da semana corrente devem receber convite para assistirem ao banquete a que presidirá o Principe de Gales e que terá lugar em 9 de Novembro na Camara dos Comuns, cerca de 350 detentores da «Victoria Cross», cujos endereços foram indicados pela «British Legion».

Faleceu ontem, com a idade de 77 anos, «sir» Valentine Chinol, eminente autoridade em assuntos relativos ao proximo e longinquo Oriente, antigo director da secção de estrangeiro do «Times».—(H.)

Clemenceau

PARIS, 24

Clemenceau passou a noite calmo. Levantou-se cedo, tendo imediatamente começado a trabalhar nas suas memorias. Clemenceau recebeu ontem á noite Mandel, que o informou da queda do ministerio.—(H.)



BOVRIL

E' o reconstituente preferido, recomendado pelos medicos mais abalizados. E' infalivel em todos os casos de anemia, convalescência e fraqueza geral

Vende-se nas farmacias, drogarias, mercearias, pastelarias, etc

AGENTES EM PORTUGAL

A. L. Simões & Pina, Ltd.

Rua das Flores, 22
LISBOA

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço de Contabilidade Central — Caixa de Reformas e Pensões
Editos de 30 dias

A contar da publicação do presente anuncio, correm editos de 30 dias para se habilitarem, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, os herdeiros de Abilio Tavares de Pinho, fiel de 1.ª cl. da estação de Lisboa P. Divisão de Exploração, contribuinte n.º 2.934, á pensão de sobrevivencia por ele legada, como Contribuinte da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 1887, concorrendo á sua divisão ou impugnando os pedidos já feitos em requerimentos de Vitalina Alida da Costa Pinho, Maria Isabel, Artur e Alfredo, viúva, filha solteira e filhos menores.

Findo este prazo será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 15 de Outubro de 1929.—O Chefe do Serviço da Contabilidade Central, M. Barqueira

AO ULTIMO FIGURINO

20 - RUA GARRETT - 24

A fim de adquirir as mais recentes novidades para a proxima estação de inverno encontra-se em Paris o sr. Antonio G. Marques, acompanhado da sua premiere

Telefone Central 3141

ODEON HOJE
A LEI DOS FORTES
 com Thomas Meighan
 A aviadora Ruth Elder e Richard Dix em
Tudo por um beijo!

Ultima edição

Café Comercial
 Rua Engenheiro dos Santos
 Novo e espaçoso
 salão de bilhares

EM ESPANHA

A chegada a Sevilha esta tarde do Chefe do Estado

(Continuação da pagina central)

actividades comerciais de Portugal e Espanha.

O sr. ministro dos Estrangeiros leu esta noticia e pediu aos jornalistas portugueses que fizessem publicar as seguintes declarações:

— Não ha tratado de comercio algum, por agora. Nem disso se tratou nas conversas que houve entre os Chefes dos dois Governos. Esta noticia deve referir-se aos trabalhos preparatorios da Conferencia Economica Luso-Espanhola, que vai reunir em Madrid, no proximo mês de Novembro. Trata-se duma informação que já veio publicada no Times e que precisa ser esclarecida nos jornais portugueses.

E o sr. comandante Jaime Monteiro acrescentou:

— Pode ser que da Conferencia saia um tratado de comercio, mas primeiramente é indispensavel que se chegue a um accordo. O Governo não tem agora nada que ver com isso. Oportunamente, os membros das respectivas comissões darão conta aos seus Governos do que se passou e então será occasião de fazer declarações á Imprensa.

A visita de Afonso XIII

A visita de Afonso XIII a Portugal parece estar marcada para os principios de Janeiro, e não de Dezembro, como se disse.

O programa ficou já mais ou menos elaborado, depois de ouvir os desejos do Rei.

Afonso XIII desembarcará na estação de Entrecampos, onde será armado um palanque para o Rei de Espanha assistir a um desfile de tropas.

Estas serão postadas desde a Avenida d. Republica até ao Palacio de Belem, onde o Rei fica hospedado.

Afonso XIII visitará Mafra, Alcobaça, a Batalha e Coimbra, onde lhe será imposto o grau de doutor *honoris causa*. Devem assistir a essa cerimonia, que será revestida de toda a solenidade, representantes da strés Universidades do país.

O Rei visita em seguida o Bussaco, onde passará uma noite.

Haverá, além disso, um grande banquete no Palacio da Ajuda.

Está assente em principio que vão a Lisboa com Afonso XIII os representantes dos municipios de Madrid, Barcelona, Valencia e Sevilha, a fim de saudarem a Camara de Lisboa.

Outras noticias

O cruzador *Carvalho Araujo* está atracado junto da ponte Afonso XIII.

O major sr. Ribeiro da Fonseca foi recebido pelo capitão general da região, o infante D. Carlos.

Os aviadores espanhóis têm rodeado os seus camaradas portugueses das maiores amabilidades, pedindo-lhes que se demorem mais tempo em Sevilha, a fim de darem um passeio até ao norte de Africa, o que é impossivel.

NORBERTO DE ARAUJO

AOS ESTUDANTES
 Pastas para livros
CASA DAS CARTEIRAS
 100, RUA DA PRATA, 100

O PORTO DE LISBOA

No Cais

acostavel

Santa Apollonia - Poço do Bispo

que se vai construir

empregar-se-ha muita gente

Dentro de alguns meses iniciar-se-hão as obras do grande cais acostavel, ha tanto tempo projectado, entre Santa Apollonia e Poço do Bispo.

Trata-se de um melhoramento da maior importancia e que, em muito, servirá para intensificar a actividade comercial da cidade.

De accordo com a lei ultimamente promulgada sobre portos, estabeleceu-se que a estes seriam destinados cerca de 250.000 contos pelo Estado.

De tão avultada importancia couberam ao porto de Lisboa 60.000 contos, quantia que servirá a custear as obras importantes do novo cais acostavel.

Das características de que um tal melhoramento se revestirá já alguma coisa foi dito.

A extensão dos cais será exactamente de 910 metros, sendo o resto da obra projectada constituído por taludes empedrados cuja extensão irá até 3.380 metros. No total devem ser, portanto, mais de 4 quilómetros.

Estabelecer-se-hão duas docas de abrigo, uma em Xabregas, outra no Poço do Bispo, sendo a cota de fundos (profundidade abaixo de o hidrografico) de 8 metros.

Ao cais poderão, portanto, acostar navios de carga vulgares intensificando-se nessa parte da cidade o movimento comercial de uma maneira consideravel.

Como já dissemos, para este valioso trabalho destinou a Administração do Porto de Lisboa a quantia de 60.000 contos que lhe foi distribuida.

Um dos pontos a acentuar é que a sua realização vai servir para empregar a actividade de muita gente.

Mas dentro de quanto tempo se iniciará a obra?

Ha, naturalmente, que satisfazer determinadas formalidades de ordem técnica e burocrática e que remover as dificuldades proprias dos assuntos desta natureza.

O projecto elaborado na Administração do Porto já foi entregue ao sr. ministro do Comercio que sobre ele fará recair o seu parecer.

Depois tem que ser submetido á apreciação do conselho de ministros que deve tambem pronunciar-se.

Se lograr a aprovação destas entidades, voltará o projecto á Administração do Porto, abrindo-se, em seguida concurso para adjudicação das obras.

O praso do concurso deve andar por cerca de cento e vinte dias. Em seguida proceder-se-ha ao exame detalhado das propostas apresentadas á sua classificação.

Finalmente, a proposta tida como mais conveniente será submetida á apreciação do Governo que sobre ela resolverá em definitivo.

Calcula-se que estes trabalhos preparatorios demorem cerca de dez meses depois do que as obras imediatamente começarão.

O praso para construção do cais está calculado em quatro anos pelos quais se dividirá a verba orçamental destinada ao porto de Lisboa.

A CRISE FRANCESA

PARIS, 23

Na votação de ontem, na Camara dos Deputados, que derrubou o ministerio de Briand, aos socialistas associaram-se os radicais e os radicais-socialistas e a união republicano-democratica.

Os jornais consideram geralmente esta crise como inesperada e sem indicação politica, fazendo notar especialmente que a votação não visou, de forma alguma, a politica externa do sr. Briand.

O presidente Doumergue iniciou esta manhã, as suas consultas politicas, tendo recebido, depois das 11 horas, os presidentes das duas casas do Parlamento, Doumer e Bouisson.

Todos os circulos foram surpreendidos com a declaração da crise, o mesmo tendo sucedido aos proprios membros da Camara dos Deputados, considerando-se, duma forma geral, a tarefa do presidente Doumergue como bastante difficil, neste momento.

«Le Petit Parisien» diz que os radicais aceitarão o encargo de formar governo, nas bases dum gabinete de concentração.

«Le Figaro» diz que a maioria da nação

deseja ver constituído um ministerio de caracter nacional.—(L.)

Quem votou contra

PARIS, 23

Votaram contra o Governo, ontem, na Camara, 11 comunistas, 101 socialistas, 14 republicanos-socialistas, 7 independentes da esquerda, 17 do grupo da esquerda radical-social, 15 da união republicana, entre os quais Marin, 2 da Acção Democratica Social, 13 deputados independentes e 107 radicais-socialistas. Absteram-se de votar 31.—(H.)

A crise será longa

PARIS, 23

Os jornais fazem-se eco da estupefacção geral provocada nos meios parlamentares e politicos pela queda do Gabinete, sendo de opinião que a crise será de longa e difficil solução.

Os jornais, na sua maior parte, alvitraram que Briand seja o chefe do novo Governo.—(H.)

PELA POLICIA

O “fakir” Trovisco está implicado no caso das sedas

Ha dois meses desapareceu da Alfandega de Lisboa um caixote com sedas, consignado á Casa Grandela. Recordam-se?

Quem foi, quem não foi, e um belo dia, o Antonio Marques, empregado aduaneiro, cheio de remorsos por já terem sido presos varios colegas, deliberou vomitar a verdade.

Confessou tudo. Isto é, confessou que fôra ele quem desviara o bilhete de despacho do caixote, da pasta do despachante Ricardo de Almeida.

Mas faltava o melhor. Nem todas as peças de seda tinham ficado escondidas no fôrro da caixa de ar, do pavimento da Tesouraria da Alfandega.

A policia, então, acertou esforços, tirou deduções, investigou canteiosamente, tendo prendido Abel Calado, João Gomes Primeiro, João Gomes Segundo, Miguel Angelo Loureiro e Antonio Marques (já citado).

O melhor da historia, porém, é que, apesar de presos, os autores do roubo das sedas, recebiam varias visitas. Visitas suspeitas. E uma delas, era nem mais, nem menos, que um fakir. O unico fakir português, passe o réclamo, que já não lhe aproveita. Quem? O Trovisco, que ainda este verão se sepultou na arena do Campo Pequeno, com varias serpentes, de envenenada detenção. O tal rapaz moreno, de olhos vivos que, por dever de officio, foi obrigado a frequentar os clubes era o agente Anibal Costa que, na pista do Trovisco, cuja morada foi difficil de obter — talvez no outro mundo! — não descansou enquanto não o prendeu. Foi encontrá-lo na Rua dos Remedios, 37, 1.º, almoçando descansadamente com o irmão. Apresentou-se a contratá-lo. Uma vez dentro de casa, o Anibal Costa abeirou-se duma janela, e fez sinal ao companheiro. Este, subiu, e declinou a sua verdadeira identidade.

Trovisco indignou-se:

— Inocente! Revistem...

Revistaram a casa. Além da serpente, que dormia o sono dos justos, e varios fardamentos flamantes, os policiaes nada encontraram. Horas depois, no Torel, o Trovisco, a conselho do irmão, confessava ter em seu poder seis peças de seda que lhe haviam sido confiadas por Jeronimo Simões Morgado.

Os policiaes voltaram e, dentro duma mala lá descobriram as peças, ainda humidas, sinal de que tinham estado enterradas, tal qual o Trovisco, no Campo Pequeno. Já é mania!

Morgado, claro, que foi preso.

E aqui se acaba a historia!

A volta a Portugal

Segundo telefonema do Porto, a equipe que anda estabelecendo o record da Volta de Portugal em automovel, parliu daquella cidade ás 16 horas.

Prevê-se a chegada a Lisboa, para a 1 da madrugada de hoje, fazendo-se o controle no Automovel Club de Portugal, largo do Calhariz, onde lhes está preparado um «Porto de Honra». O novo record deverá pois ficar em cerca de 70 horas.

RADIO CLUB DE PORTUGAL

(Em organização)

A correspondencia destinada a este organismo deve ser enviada a Augusto Casimiro, Avenida 5 de Outubro, 329, 3.º D.º.